

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E F  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
MONOGRAFIA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**SOCIOLOGIA**

**M**

**1999**

**BH/UFC**

**O GÊNERO MASCULINO NA FAMÍLIA E NA SOCIEDADE  
CABO-VERDIANA**

**ADILSON FILOMENO CARVALHO SEMEDO**

**SOCIOLOGIA**

**A-032**

**FORTALEZA-CEARÁ  
DEZEMBRO DE 1999**

BH/UFC

**O GÊNERO MASCULINO NA FAMÍLIA E NA  
SOCIEDADE CABO-VERDIANA**

**ADILSON FILOMENO CARVALHO SEMEDO**

**FORTALEZA-CEARÁ  
DEZEMBRO DE 1999**



Esta Monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, outorgada pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central na referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta Monografia é permitida, desde que seja de conformidade com as normas da ética científica.

---

ADILSON FILOMENO CARVALHO SEMEDO

Monografia aprovada em \_\_ / \_\_ / \_\_

---

Prof. Dr. ISMAEL DE ANDRADE PORDEUS JÚNIOR  
ORIENTADOR

---

Prof. <sup>a</sup>. Dr. <sup>a</sup>. SIMONE SIMÕES FERREIRA SOARES

---

Prof. CARLOS SILVEIRA VERSIANNI DOS ANJOS JÚNIOR

**O GÊNERO MASCULINO NA FAMÍLIA E NA SOCIEDADE CABO-VERDIANA**

**ADILSON FILOMENO CARVALHO SEMEDO**

**ORIENTADOR: ISMAEL PORDEUS JÚNIOR**

Monografia submetida à banca examinadora para a  
obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais,  
outorgada pela Universidade Federal do Ceará.

**FORTALEZA-CEARÁ  
DEZEMBRO DE 1999**

## AGRADECIMENTOS

BH/UFC

Agradecer é sempre complicado, pois podemos esquecer-nos de alguém cujo apoio foi muito importante na realização deste trabalho.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por tudo que obtive na vida;

Aos meus familiares que mesmo longe torcem por mim;

Ao professor Ismael Pordeus, meu orientador, pela paciência e por me fazer acreditar que eu era capaz;

Ao professor André Haguette, que me ajudou a dar os primeiros passos na produção deste trabalho;

A todos os professores com quem tive o prazer de estudar e que me ensinaram a ver e interpretar a vida com outros olhos, e particularmente aos professores do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará;

Ao PEC-G (Programa de Estudante Convênio-Graduação);

Aos amigos João, José, Hélio, Hugo, Marcus Vinícius, Fernanda, Indira, Napoleão, pela força e pelos incentivos;

À Mônica, pela presença e carinho;

À banca examinadora que aceitou o convite de examinar esse trabalho;

Por fim, agradeço a todos que participaram da pesquisa de campo e tornaram possível este trabalho.



BH/UFC

*“Dedico este trabalho ao sonho que um dia  
conduziu a vida de Filomena Carvalho e  
Domingos Semedo”*

# SUMÁRIO

BH/UFC

## Introdução

.....02

## CAPÍTULO 1

- Os Dois Irmãos ..... 04

## CAPÍTULO 2

- 2.1. Cabo Verde: de Colônia a República ..... 09
- 2.2. A Formação da Sociedade ..... 13
- 2.3. Estrutura Familiar ..... 18

## CAPÍTULO 3

- 3.1. A Pesquisa ..... 28
- 3.2. O Homem Cabo-verdiano Fala de Si..... 30
  - 3.2.1. Vida Familiar ..... 30
  - 3.2.2. Vida Social ..... 67

CONSIDERAÇÕES GERAIS..... 85

ANEXO .....

BIBLIOGRAFIA .....

O trabalho, que aqui apresento, tem como principal objetivo mostrar como se apresenta o gênero masculino na família e sociedade cabo-verdianas.

Assim, o estudo vai focalizar o homem cabo-verdiano ora como pai, marido e filho, ora como pertencente a uma comunidade.

Quatro anos de vivência no Brasil fizeram com que começasse a ver Cabo Verde com distanciamento e o curso de Ciências Sociais deu-me a possibilidade de estranhar Cabo Verde e levantar questões que antes não existiam. Deste modo, surgiu o interesse em estudar o gênero masculino no contexto cabo-verdiano e, a partir disso, tentar compreender quais as normas que orientam a sua conduta como homem. Este trabalho trata-se de um auto-aprendizado através da fala dos meus entrevistados, que me permite compreender a organização da família cabo-verdiana. Este estudo iniciou-se na elaboração do projeto de pesquisa no ano de 1998. A princípio, queria realizar um estudo sobre as origens da família de Cabo Verde, no entanto, isto tornou-se inviável devido aos limitados recursos bibliográficos existentes acerca da história de Cabo Verde.

Na fase de estágio de pesquisa, (1º semestre de 1999) direcionei o meu trabalho para o estudo do homem cabo-verdiano e sua visão de mundo. Com o questionário de vinte questões abertas, viajei a Cabo Verde em Agosto de 1999. Durante os quarenta dias que permaneci no arquipélago, realizei entrevistas, apliquei questionários, como também fiz um levantamento bibliográfico. Com o levantamento bibliográfico, foram encontrados dois



livros de cientistas sociais cabo-verdianos (António Carreras, 1977; João Lopes Filho, 1979) que falam sobre a família cabo-verdiana e um romance, “Os Dois Irmãos”, de Germano Almeida(1995), que se além aos temas família e gênero, e muito me auxiliou a refletir sobre a minha pesquisa. Durante a pesquisa de campo, a forma como as pessoas reagiram, ao questionário e as entrevistas, foi, de modo geral, muito boa. Mesmo os que alegavam que não tinham muito a dizer, após duas ou três questões, acabavam participando sem maiores dificuldades.

Dividi o trabalho em três capítulos: o 1º capítulo é uma resenha do romance “Os Dois Irmãos”, que trata de um fato real romanceado onde o autor narra o julgamento do personagem principal e ao longo da obra conta os fatos que o levou ao julgamento. O romance é um paradigma do que me propus estudar, uma vez que aborda as relações pai-filho, marido-mulher, homem-sociedade; o 2º capítulo fala sobre Cabo Verde, aqui faço um resgate histórico do arquipélago, falo sobre a formação da sociedade e de como se estrutura a família cabo-verdiana. Vale lembrar que esta parte é o suporte de todo o trabalho, pois permite compreender tanto a primeira como a terceira; o 3º capítulo fala sobre a pesquisa de campo, o homem cabo-verdiano adquire voz e fala sobre si, seus sentimentos, sua sexualidade, família e sobre a mulher. Contudo, são vozes anônimas e uma vez que se mostraram receosos em divulgar seus nomes ou assinar os questionários decidi designá-los por informantes.

## CAPÍTULO 1

### OS DOIS IRMÃOS

O romance, “Os Dois Irmãos”, já citado na introdução, serve como modelo para o que pretendo estudar.

Germano Almeida, no prefácio do romance, afirma que após vários anos ele se apercebeu que não tinha esquecido André. O fato real, ao qual ele ajudou a dar um desfecho como promotor do Ministério Público, acabaria por se tornar um romance: “Os Dois Irmãos”.

O livro relata a história de André e do seu julgamento e o palco do desenrolar da trama é um povoado no interior da Ilha de Santiago. O promotor público, nos finais dos anos setenta, conseguira a condenação do réu e anos depois, em 1995, imortalizaria a sua história.

André nasceu e viveu seus primeiros vinte anos de vida numa pequena aldeia no interior de Santiago. Tinha sido educado no “... princípio geral de que nenhuma circunstância um membro mais novo da família deveria permitir-se o atrevimento de desmentir um mais velho, (...), nunca se atrevendo a levantar a voz diante dele ou achar-

se no direito de contrariar as suas ordens. ” (Almeida, 1995: p.43) Desse modo, quando o pai soube que ele havia tirado os “três vinténs”, ou seja, a virgindade de uma aldeã, ele aceitou casar-se com a moça. Dada as possibilidades favoráveis a emigração nessa altura e ao seu íntimo desejo de conhecer novos horizontes, André decidiu emigrar para Portugal, contudo não levou a esposa.

Na partida a mãe chorava muito e ele também sentia bastante, pois sempre foram muito amigos e a mãe sempre foi carinhosa com ele. A postura rígida do pai, na hora da despedida, o teria magoado se não soubesse que o velho nunca fora chegado a mostrar ternura “... desde sempre que o pai tinha sido um homem taciturno e de muitas poucas palavras...” (Almeida, 1995: p.33)

André viajou, arranjou emprego e passou a viver em Lisboa. A esposa ficou na casa dos pais e aos poucos as novidades do novo mundo a retirariam da sua memória. Três anos se passaram e, de um momento para outro, ele viu-se na necessidade de voltar. Havia recebido uma carta do pai, onde este lhe avisava que o seu irmão, João, andava com a mulher dele.

João, irmão mais novo de André, nem por isso era menos afoito e segundo o pai não se podia dizer que “... fosse mau rapaz, (...), embora (...) desde criança que se tinha destacado pela sua falta de ponderação. Não por culpa dele, pai, (...) e neste particular, sabia poder viver tranqüilo e de cabeça levantada, porque sempre se tinha esforçado por lhes ministrar uma educação cristã, dentro do temor a deus e de respeito pela família, pela honra, pela palavra e pelos mais velhos”. (Almeida, 1995: p. 61) Contudo, segundo o pai, o João ousara levantar os olhos para a mulher do irmão. Convocou todos os parentes e lhes



comunicou a desgraça que havia abatido sobre seu lar e devolveu a mulher de André aos pais. Todo o povoado ficou a par do acontecido.

Na chegada, André foi recebido sem festas, como é costume receber quem vem de longe e sem muitas delongas o pai confirmou que tinha visto com os próprios olhos o filho em cima da esposa do irmão. Deu a permissão ao André que ele fizesse o que bem entendesse com o irmão, “o teu irmão é um desnaturado, faz com ele o entenderes”. (Almeida, 1995: p. 35)

O povoado também esperava ansioso a volta de André. “... todo aquele dia tinha sido vivido na dolorosa expectativa de gritos que não se ouviam, do alvoroço de choros e facadas que se esperavam, (...). Todos os ouvidos viviam na dependência do abalo que afinal não se produzia. Era coisa que tinha que ser...” (Almeida, 1995: p. 20)

André conversou com o irmão e procurou a mulher certo que os olhos dela lhe diriam a verdade e aceitou a versão do irmão e da mulher, que lhe disseram que o pai estava ficando caduco. Os dias foram passando e aos poucos ele foi se apercebendo que as janelas da sua casa estavam fechadas, que o pai se vestia de preto e já não lhe dirigia a palavra, a mãe, que sempre foi amiga, também o evitava e que desde o dia do seu regresso não recebera sequer uma visita.

“... toda essa espécie de angústia coletiva tinha continuado a ser apaixonadamente sofrida e comentada, (...), quando se constatou que afinal de contas André tinha tido o trabalho de vir de tão longe apenas para não fazer nada. Com um sentimento de desencantada vergonha o povoado verificava, que, numa promiscuidade aviltante André continuava tranqüilamente a conviver com a própria desonra e a da sua família, quando o

que dele se esperava era que soubesse enfrentar com dignidade de macho o irrecusável desfecho que todos sabiam inevitável. ” (Almeida, 1995: p. 18)

As dúvidas, aos poucos, começaram a sobrepor-se a anterior confiança no irmão e na mulher.

“... André diria que os seus pais o olhavam de uma maneira que o fazia sentir-se menos que um cachorro vagabundo, porque era como se permanentemente o estivessem acusando de estar a fugir de um, sobre todos sagrado dever, ao não aceitar cumprir um destino qual todos sabiam não ser possível escapar-se .” (Almeida, 1995: p. 18)

Enquanto andava pelo povoado, numa noite, ele escutou vozes que diziam “... que antes tivesse ficado onde estava, escusava de vir envergonhar ainda mais o seu velho, pois, que nenhuma vergonha e desonra era maior do que estar todos os dias com a puta da mulher como se não fosse certo e sabido ter-lhe ela posto os chifres com o próprio irmão.” (Almeida, 1995: p. 234)

André desapareceu alguns dias do povoado e foi visto em outras localidades bebendo nas tabernas. Na noite do dia 21º dia de seu regresso de Lisboa, ele voltou à casa do pais e armou-se de duas facas e saiu à procura do irmão que estava numa festa perto de casa. Gritou por ele e o chamou para o beco. Ali, esfaqueou-o provocando vários ferimentos que o levariam à morte.

“...ninguém da aldeia tinha estranhado quer o grito de André, quer a agressão, (...), tinha havido língua de mais acerca das relações sexuais entre a vítima e a cunhada e nenhum homem que veste calças e tem pele na cara agüenta isso calado porque a mulher de

um homem é uma coisa sagrada, tocar nela é como tocar na própria pessoa.” (Almeida, 1995: p. 143)

Após a luta, André foi caminhando para casa. O pai informado do ocorrido saiu à procura dele. “... foi quando olhava o seu pai na porta da sua casa que reparou que as janelas da sua casa estavam de novo abertas, as portas escancaradas como se fosse dia de festa, e olhava ainda hesitante a temerosa figura do pai quando este desceu os degraus (...), caminhou até onde o filho estava e (...) tomou-o pela mão e o conduziu para dentro de casa”. (Almeida, 1995: p. 152)

Durante a audiência era evidente o orgulho com que o velho olhava para o filho. Todos os familiares estavam presentes inclusive a mulher de André.

O romance de Germano Almeida se baseia em fatos verídicos e por isso traduz uma forma de estar no mundo. Seria incorreto afirmar que todo cabo-verdiano reagiria como André mas o contrário também seria falso.

Quero ressaltar que a mulher infiel não foi agredida em momento algum, pelo contrário, foi levada à companhia do marido durante o julgamento. O único que dela mantinha distância era o pai do André.

Como compreender o livro, como entender as razões que estiveram por trás deste fato real romanceando é o que veremos a seguir analisando a formação da sociedade cabo-verdiana e a sua estrutura familiar.



## CAPÍTULO 2

### 2.1. CABO VERDE: DE COLÔNIA A REPÚBLICA

*“Eu e Antônio da Noli... navegamos dois dias e uma noite para Portugal e vimos algumas ilhas e como a minha caravela era mais veleira do que a outra, abordei em primeiro a uma d’aquelas ilhas e vi areia branca e pareceu-me um bom porto e ali fundei e o mesmo fez Antônio, disse-lhe que eu desejaria ser o primeiro a desembarcar e assim fiz...” (Diogo Gomes In: Revista Fragata N.º 14 p. 41)*

Eis o primeiro relato do primeiro contato dos descobrimentos portugueses com o arquipélago situado a 455 km da costa ocidental do continente africano, que, mais tarde, seria chamado Arquipélago de Cabo Verde devido a sua proximidade a um cabo com o mesmo nome.

O descobrimento das ilhas de Cabo Verde, pelos portugueses, está ainda envolto em certa obscuridade. Se reivindicam duas datas, a primeira de 1456 e a mais aceita de 1460. O descobrimento das Ilhas foi atribuído a Diogo Gomes e Antônio da Noli, sendo

o primeiro português e o segundo genovês. Argumenta-se um anterior conhecimento do arquipélago baseado em documentos de geógrafos árabes, mas tal hipótese não foi comprovada. As ilhas foram descobertas sem quaisquer indícios de presença humana.

O arquipélago é formado por dois grupos de Ilhas: As ilhas de Barlavento e as Ilhas de Sotavento. Elas se dispõem de acordo com a sua posição relativa ao vento dominante do N.E. Pertencem ao grupo de Barlavento as ilhas de Santo Antão, S. Vicente, Santa Luzia, S. Nicolau, Sal e Boa Vista e as Ilhéus dos Pássaros, Branco e Raso; e ao grupo de Sotavento as ilhas do Maio, Santiago, Fogo e Brava e os ilhéus de Santa Maria, Luis Carneiro, Sapado Grande e de Cima.

Estas ilhas localizam-se entre o trópico de Câncer e o Equador, entre os paralelos 17° 12' e 14° 48' de latitude Norte e os meridianos 22° 44' e 25° 22' de longitude Oeste de Greenwich. A área total é de 4033 km<sup>2</sup>.

O clima possui afinidades com os climas desérticos quentes e se distingue deles pelas pequenas amplitudes térmicas, pela sua umidade e pela periodicidade das chuvas. O oceano e os ventos alisados moderam a temperatura.

A orografia das ilhas é bastante acidentada, com exceção das ilhas orientais (Sal, Boa Vista e Maio) também chamadas ilhas planas. Os escravos insatisfeitos com a sua condição, não poucas vezes evadiram-se para as montanhas. As formas montanhosas das ilhas favoreceram a fuga. No séc. XVII o jesuíta Sebastião Gomes escreveu o seguinte acerca desses escravos fujões:

*“Há de ordinário muitos homiciados, e com esta ilha mui pequena dizem que averá nela alguns quinhentos, quasi tudo gente preta, sem para elles aver justiça e com toda razão se teme deles...” (In: Revista Fragata N.º 14 p.44)*

O jesuíta se refere a ilha de Santiago conhecida pelas suas inúmeras montanhas. À primeira vista esta ilha pareceu aos portugueses a menos desfavorável a ocupação. Por causa disso o seu povoamento teve início em 1492, mas só veio a efetivar-se quando foram concedidos privilégios especiais aos que ali viessem morar. Assim, aos moradores de Santiago foi permitido resgatar escravos na Costa da Guiné, foram isentos do pagamento de impostos e foram-lhes atribuídos os direitos de comércio entre as ilhas.

Isso é claro, trouxe prejuízos para a coroa portuguesa, o que fez com que esses privilégios fossem, mais tarde, retirados quando se deu o incremento do comércio dos escravos . Esta situação, segundo os historiadores, seria uma constante nos quinhentos anos de colonização.

A economia das ilhas foi ao longo dos tempos bastante frágil. Baseava-se principalmente na criação de gado e no tráfico (comércio) de escravos.

A economia fragilizou-se ainda mais no séc. XVIII com a supressão do comércio franco com todas as nações, conjugada com os períodos de guerra na Europa e América, com os problemas internos (fugas de escravos, rebeliões... seca, fome...) e com o abandono a que as ilhas foram votadas pela coroa, cujos navios, só aportavam em Santiago de passagem para a África ou para a América.

O arquipélago foi afetado desde sempre por períodos de seca e fome. No presente século alguns ainda se recordam da seca e fome de 1920 e da fome de 1947. Toda criança cabo-verdiana ouviu e conhece os horrores da fome de 20 e 47, relatos feitos, quase sempre, pelos avós.

Em 1956 dá-se o primeiro passo para a independência do Arquipélago. No dia 15 de Setembro de 1956, Amílcar Cabral, desde há muitos anos ligado à luta contra a colonialismo cria, em Bissau, com outros colegas o P.A.I.G.C (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde).

A luta na Guiné foi coroada de êxito e marcou a derrocada do império colonial português e acelerou a luta revolucionária nas ilhas. Assim, no dia 5 do mês de Julho do ano de 1975, nasceu uma nova nação: A República de Cabo Verde. Amílcar Cabral seria considerado o herói nacional, data celebrada no dia 20 de Janeiro e foi uma das muitas perdas da luta pela libertação. Foi assassinado no dia 20 de Janeiro de 1973.

Nos próximos 15 anos as ilhas seriam governadas por um partido único, totalitário e autoritário. Somente no dia 13 de Janeiro de 1991 entraria em vigor o sistema democrático. Numa eleição democrática o povo depôs o antigo partido (P.A.I.C.V) e elegeu o Partido Movimento para a Democracia (M.P.D).

Hoje, o arquipélago conta com um contingente de, aproximadamente, 450 mil habitantes, vive um regime de democracia parlamentar regido pelo M.P.D, no segundo mandato e as vésperas da sua terceira eleição democrática.



## 2.2.FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CABO-VERDIANA

De acordo com Antônio Carreira, na primeira fase da ocupação das ilhas se destacavam unicamente dois grupos bem demarcados:

- O dos Senhores (europeus de várias nacionalidades, portugueses, genoveses, sevilhanos, alguns nobres, outros plebeus, homens de ofício e degredados, todos em número bastante reduzido.
- O dos Escravos (a maioria da população)

“ Em 1549 a ilha (Santiago) possuía 1.200 < moradores > na Ribeira Grande e Vila da Praia. Até aqui não há a menor alusão aos mestiços nem aos escravos. Menos de 40 anos depois (1582), o sargento-mor, Francisco de Andrade, apontou a existência de um total de 15.708 habitantes...Os escravos totalizavam 13.700...”(Carreira, 1972: p.12)

Com o passar do tempo, com a fuga dos escravos para o interior da ilha que, quase sempre, não eram recapturados porque se fixavam em locais de difícil acesso e com a concessão de alforrias aos escravos bem comportados ou com bons serviços prestados e a escravinhos na sua generalidade, filhos dos senhores ou dos seus filhos, sobrinhos, netos ou parentes, com suas escravas ou escravas alheias, surge um grupo intermediário entre o senhor e o escravo. Esse grupo seria o embrião da pequena burguesia.

“Mais tarde, com o avolumar das fugas de escravos e da concessão de alforrias, e ainda devido ao surto emigratório iniciado com a pesca da baleia por navios americanos (cerca do final do século XVII ou primeiros anos de XVIII), acelerou-se o processo, sobretudo após a proibição pelos tratados internacionais, da entrada de novos escravos nas ilhas. Os proprietários rurais, com a falta de escravos e de trabalhadores livres, foram forçados a parcelar as suas fazendas em pequenos tratos, dando-os de arrendamento (a dinheiro ou em regime de parceria) aos forros, aos auto-libertados e mais tarde libertos por força da lei”. (Carreira, 1977: p. 13)

Estes rendeiros aliados às camadas mais desprotegidas promoveram levantes contra os proprietários de terras, conseguindo, muitas vezes, fazê-los rever as condições dos contratos de arrendamento.

Segundo Antônio Carreira, os emigrantes retornados dos Estados Unidos e outras partes do mundo foram adquirindo a noção do seu papel na vida social do arquipélago, sem contudo dar-se conta de que era “uma classe em oposição à burguesia rural - mercantil que agrupava os poucos reinoís sobrantes e muitos < brancos da terra > ” (Carreira, 1977: p. 14)

Carreira defende que todo esse processo de formação de classe está relacionada à forma como foram distribuídas a melhores terras. As ilhas de Santiago e Fogo apresentavam as melhores condições e nela se constituíram as grandes fazendas. São consideradas as ilhas de maior tradição escravocrata.

“Nestas duas ilhas as melhores terras e as de maiores superfícies tinham sido distribuídas aos reinoís e estrangeiros feitos morgados por cartas régias, ao passo que em

Barlavento (...) se seguiu o sistema de concessões segundo a lei de sesmarias, dando-se a cada agregado familiar uma parcela de terra e por forma a garantir sua fixação. Era o próprio condicionalismo resultante da escassez de terras aráveis que gerava a situação. Daí que em Sotavento foi mais difícil aos auto-alforriados, aos legalmente alforriados e aos nascidos livres e libertos por lei, terem acesso à propriedade da terra na proporção conveniente. Tiveram que se sujeitar a servir de rendeiros e de parceiros. Ao contrário, em Barlavento, as mesmas camadas puderam obter as suas terras em regime foreiro e fugir à tirania e às exigências dos morgados”. (Carreira, 1977: p. 14)

Neste contexto, no final do século XVIII e primeiros anos do XIX, temos três grupos sociais diferenciados mais pelo índice de riqueza do que pela cor da pele. Assim, temos uns grupos constituídos por escassos renoís e muitos < brancos da terra > que poderiam seus sargentos, capitães-mores, morgados, padres e um ou outro preto que por circunstâncias várias permitiram ascender. Estes detinham as melhores terras e controlavam todo o sistema econômico.

O grupo intermediário que se localizava na sua maioria em Barlavento e uma minoria em Santiago, Fogo e Brava era composto por sesmeiros, rendeiros e parceiros dos senhores de terra, profissionais de ofício, pequenos negociantes e pelo povo em geral.

O terceiro grupo é o dos escravos que foi diminuindo gradativamente até à sua completa extinção.

“Consoante o reinol diminuía de número e de poder econômico, substituído pelo < branco da terra >, assim as camadas inferiores se foram avolumando na razão direta em que os seus elementos de base conquistavam posição econômica e elevação social,



virando < pequenos burgueses >. Isso deve-se tanto à emigração como à ação desenvolvida pelos ministros da Igreja na difusão da instrução, designadamente com a criação da escola superior da Brava (1-3-1846) e vinte anos depois volvidos do Seminário Liceu de S. Nicolau (1866).” (Carreira, 1977: p.15)

Segundo Carreira, a difusão do ensino nas ilhas não teve relevância apenas no séc. XIX. Foi um fenômeno que acompanhou a decorrente ocupação das ilhas e resultante da estabilização dos núcleos de povoamento. A função principal desse clero, consistia na doutrinação e batismo dos não-cristãos, com vista a integrá-los no seio da Igreja. Essa ação se incidia da mesma forma sobre os contingentes de escravos, destinados à exportação, de modo a torná-los ladinos e, assim torná-los mais caros que os bocais:

“Por vezes em cada fazenda rural atuava junto da criadagem e dos escravos um agente da Igreja, na catequese, ensino das primeiras letras e rudimentos da língua portuguesa. É provável (...) que a instrução dos forros e dos escravos não tivesse tido sempre o mesmo grau de generalização e de prossecução regular e sistemática, mas com o decurso dos anos foi produzindo os seus efeitos”. (Carreira, 1977: p. 16)

O que os padres conseguiram realizar no Arquipélago, apoiados na estabilidade de uma vida social relativamente organizada devido à segurança conferida pelo isolamento das ilhas, não era realizável com os mesmos efeitos em outras regiões africanas. Cabo Verde é uma nação de uma esmagadora maioria católica (99%), sendo o restante protestantes de várias ordens.

“O emigrante cabo-verdiano letrado, ao conquistar desafogo econômico pelo trabalho duro em terras estranhas e adquirindo a noção da sua elevação social, estava em



condições de, graduativamente, substituir o < branco da terra > aos lugares cimeiros que ocupava”. (Carreira, 1977: p. 18)

Esta substituição, contudo, não se deu de pronto. Deu-se com lentidão e só aconteceu quando favorecido por um conjunto de fatores criados pela evolução econômica dos últimos anos do séc. XIX e pelas conseqüências advindas da crise mundial em 1929-1933. Aí se deu a substituição da camada dominante pela camada intermediária.

Com isso a sociedade passaria a se estruturar de seguinte modo:

- Uma burguesia numericamente sem expressão; tratando-se de 1% ou 2% da população.
- Uma camada intermediária também chamada < pequena burguesia > contingente também pequeno (3 a 4% da população).
- E uma massa intensa de trabalhadores rurais e outros, o povo. Aqui temos um contingente de 90 a 95% da população.

Cabe aqui ressaltar que o < branco > em Cabo Verde, não possui o mesmo sentido que em outras regiões colonizadas pelos portugueses:

“Dado que nos primeiros tempos o branco ocupava o topo da hierarquia social, com a evolução da sociedade cabo-verdiana a acentuada ascensão do mulato causou perturbações que ameaçavam a estrutura social. Deste modo, o vocábulo branco acabou por perder a noção de cor, para passar a significar posição social”. (João Lopes, 1979: p. 69)

A posição social era geralmente adquirida pelo poder econômico: daí que se

originou o dito popular “branco é quem tem dinheiro”; e pela formação acadêmica e a partir disso nasceram expressões irônicas como “branco sem cor” e “rico sem dinheiro”.

A seguir, veremos como se formou e se estruturou a família cabo-verdiana.

### 2.3. FORMAÇÃO E ESTRUTURA DA FAMÍLIA CABO-VERDIANA

Segundo Antônio Carreira, tendo em conta o processo histórico de formação da sociedade de cabo-verdiana, a estrutura familiar traduz as características imprimidas pela intensa miscigenação de elementos masculinos europeus de variadas estratos sociais, com os femininos de origem africana trazidos para o arquipélago voluntariamente ou não do continente.

Os europeus aqui chegavam, quase sempre, desacompanhados de suas mulheres. As uniões do homem branco com a mulher preta foram, pois, correntes e socialmente aceitas de uma forma geral. Não se olhava, nem se dava importância ao cargo que o homem ocupava. Daí os inúmeros descendentes de capitães-mores, padres, governadores. Os padres seguindo as normas da Igreja bem que pregaram e estimularam a regularização dessas uniões. Mas, ainda de acordo com Antônio Carreira, “o isolamento a que estiveram votados todos os alienígenas (padres incluídos) com as inerentes privações, fê-los enveredar muito cedo por uma vida livre, quer do ponto de vista sexual, quer quanto a atividades incompatíveis com a respectiva função...”. (Carreira, 1977: p. 22)

Desse modo, o homem branco casado na Europa, quer levasse a família para as

ilhas ou não, não tardava em unir-se a mulher da terra, escrava ou livre, sem se ater à prometida fidelidade conjugal.

João Lopes Filho, outro autor já aqui citado, nota que a mestiçagem que se desenvolveu em Cabo Verde não terá sido, em princípio, fruto do amor do homem branco pela negra, mas simplesmente pelo fato de sentir falta das mulheres brancas na ilha. Mas também é corrente que mesmo casado, o homem branco procurava as negras.

Antônio Carreira coloca que a poliginia foi aceita desde os primórdios do povoamento.

“...a sociedade no todo, ou em grande parte, aceitou pacificamente que o homem, mesmo casado pela Igreja, pode viver maritalmente com uma ou mais mulheres ao mesmo tempo, quase sempre, para não dizer sempre, cada uma delas em casa própria. Nas ilhas esse tipo de ligação foi mais ou menos aceita pela comunidade sem grande constrangimento...” (Carreira, 1977: p. 23)

Uma carta que data de 1784 mostrou como se edificava a sociedade de Santiago, o que segundo Carreira poderia se aplicar a todas restantes ilhas:

“ < O vício (...) que, pela ociosidade é mais dominante nesta gente, é o da sensualidade (...). Porém, o que mais admira é não se envergonharem as mulheres pretas desta ilhas (de Santiago) do exercício deste vício horrendo, nem de se deshonestarem e tratarem com homens que não são seus legítimos maridos... >” (In: Carreira, 1977: p. 24)

Do ponto de vista sexual instituiu-se nas ilhas desde muito cedo uma tendência para a união livre, generalizada em todas as ilhas, em todos os extratos sociais e em todas etnias. Oficialmente o regime matrimonial vigente era a monogamia, mas na prática a



monogamia era imposta somente as mulheres. Da mulher exigia-se castidade e fidelidade absoluta.

Engels nota que “... a monogamia não aparece na história, absolutamente, como uma reconciliação entre homem e mulher, e ainda menos, como a forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob forma de escravização de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito de sexo; ignorado até então, na pré-história.” (Engels, 1991: p. 17). Não se pode dizer que o exemplo dado pelo arquipélago negue a afirmação de Engels.

Acontecia então, paralelamente ao agregado familiar com base na união legal, coexistir uma espécie de família resultante da união do homem com as suas amantes. Daí surge o chamado < filho de fora > nascido do homem casado à face da Igreja ou da lei e da sua amásia. Convém salientar que o fato do homem possuir uma mulher, aquela que se diz oficial, e várias amásias, não cria atritos entre elas. A esposa convive pacificamente com a(s) amásia(s) e com os filhos desta.

João L. Filho coloca que o que podemos considerar como < família cabo-verdiana > assenta na continuidade da tradição colonial, numa relação onde é patente o domínio do homem em relação à mulher, fato que, segundo ele, deve-se ao caráter patriarcal da escravatura doméstica:

“... a mulher destas ilhas foi desde muito cedo considerada como produtora de trabalho e como objeto de prazer pelos senhores e donos, fatos que ao longo dos tempos marcaram a maneira do homem cabo-verdiano entender a mulher normalmente como ser inferior”. (João L. Filho, 1979: p. 75)



Pedro C. Beltrão, outro dos autores a quem recorri, definiu a família como “um grupo social caracterizado por comum residência, colaboração econômica e reprodução. Inclui pois, adultos, dos quais dois ao menos mantêm relações sexuais socialmente aprovados, e um ou mais filhos, próprios ou adotados, dos adultos que coabitam sexualmente”. (1970: p.17)

Segundo este autor temos vários tipos de organização familiar. Ele destaca três tipos:

- A família nuclear ou conjugal formada pelos pais (marido - esposa) e os respectivos filhos e onde ocasionalmente entram tios, sogros e domésticos;
- Família poligâmica, que é formada por mais de um núcleo familiar ligados por progenitores comuns. Se o progenitor for a mulher temos a poliandria e se for o elemento masculino, temos a poligamia;
- A família extensa que é constituída pela família nuclear do adulto e a dos seus pais.

No caso de Cabo Verde, eu não poderia classificar a família cabo-verdiana como pertencente a um dos tipos acima citados. Encontramos uma multiplicidade de tipo de agregado familiar que englobaria todos os já citados e outros que por força das circunstâncias culturais e sociais apareceram no arquipélago .

Como um exemplo temos o tipo “Lar simples” que corresponderia ao tipo, família nuclear, onde temos um casal, unidos ou não pelo casamento, mas reconhecidos socialmente, e pelos filhos.

O correspondente à família extensa é a família alargada, onde temos várias gerações convivendo sobre o mesmo teto. Há casos em que jovens casais não deixam a casa dos pais, e outros, que trazem para casa um parente velho, tio, pai ou mãe:

“ Salienta-se (...) que, numa sociedade em que há pouca proteção na velhice (...), quer sejam pensões de reforma e viuvez e assistência na doença e invalidez, um grupo numeroso de filhos constitui, de fato, uma garantia de segurança para a velhice, segundo um aforismo popular ‘os filhos são a riqueza do pobre’.” ( João L. Filho, 1979: p.119)

Como já vimos também, existe a família poligâmica onde um homem casado ou não, mantém várias amásias. O número de filhos servia para comprovar a sua virilidade e o número de amantes demonstrava a sua fama de conquistador.

Mas a família cabo-verdiana baseia-se também numa relação social que não coincide apenas única e exclusivamente com a consangüinidade, dado que podem incluir membros entre os quais não existem laços de parentesco. Temos os afilhados e os meninos apanhados:

“Enquanto que os afilhados são crianças recolhidas pelos padrinhos, no caso dos pais terem morrido, os meninos apanhados são crianças órfãs, cujos pais morreram nas calamidades da fome ou que ficaram desamparados ou abandonados por motivo de crise e que a solidariedade humana não permite que fiquem ao abandono”. (João L. Filho, 1979: p. 120)

Disso nasce a mãe de criação, que segundo João L. Filho é “uma instituição da cultura cabo-verdiana”. (1979: p.120) De uma forma geral, este autor coloca que a família cabo-verdiana se caracteriza pela sua extensão. Ele defende que esta extensão “explica-se

(...) em boa parte, pela solidariedade entre os indivíduos, sempre presente na constituição dos agregados, solidariedade esta que obriga a direitos e deveres recíprocos entre os indivíduos ligados pelo parentesco natural, de sangue, como artificial, nesse caso o religioso (o compradio) ou mesmo sem nenhum parentesco como no caso dos meninos apanhados...”(1979: p.121)

Temos outro caso particular, as mães de filho (mães de fido), mães solteiras ou viúvas que devido a emigração, morte ou abandono do cônjuge se tornam chefes de família e vivem sem depender de homem algum. De certo modo, são discriminadas, pois segundo o ditado popular “casa sem homem é um navio sem capitão” e “mulher sem homem é nada”.

Analisando as relações no interior do agregado familiar, Lopes Filho, coloca que toda trama se desenrola a volta do paternalismo e a autoridade do mais velho, sendo este pai ou irmão.

“... a sociedade cabo-verdiana assumia aspectos de uma sociedade masculina (...), onde se assiste a uma predominância e valorização do homem, dos seus valores e ações, ao passo que a mulher era quase sempre menosprezada e subvalorizada, remetida (...) para o desempenho das atividades domésticas, às quais era atribuído pouco reconhecimento social”. (Lopes Filho, 1979: p.125)

Na relação homem-mulher na família, o homem é o chefe e nessa posição a sua opinião e decisões prevalecem. Ele é autoridade máxima no seio do agregado familiar e qualquer pessoa que viva sob um teto tem que acatar as suas resoluções. Exerce a sua autoridade de modo arbitrário, de uma forma rigorosa, inspirando ao mesmo tempo temor e respeito.



Lopes filho, a par disso, coloca que a influência da mulher, no entanto, na prática contrariava um pouco a teoria. Explica colocando que a administração da casa era na realidade feita pelos dois membros e a cada um deles competia tarefas bem distintas. Considerando exceção os homens que gastavam o dinheiro na taberna... o marido costumava entregar todo o dinheiro arrecadado à mulher. A ela cabia, utilizando este dinheiro, suprir todas as necessidades do lar e dos filhos.

Surgiam discussões, por vezes, entre os cônjuges e alguns homens chegavam a agredir suas esposas, o que no entender de Lopes Filho não deve ser encarado como regra geral, pois este fato dependia do ambiente social e era alvo de severas críticas.

“Podemos (...) dizer que a relação entre o homem e a mulher, apesar dos preconceitos e valores tradicionais, era bastante positiva, uma vez que, na sociedade caboverdiana, havia a possibilidade de facilmente se romper o agregado e de procurar uma nova união, decorrente dos próprios condicionalismos sócio-culturais presentes na formação e composição dos agregados...” (Lopes Filho, 1979: p.127)

A relação entre pai e filho é pautada por extremo respeito e obediência deste para com aquele, o que é mais acentuado no caso do filho ser solteiro e viver com os pais. As relações mãe e filho são mais abertas que relativamente ao pai. Os filhos, a partir da adolescência, costumam confrontar as mães, dado que era uma relação mais flexível. A filha é mais chegada a mãe do que ao pai, mas o respeito e a obediência a este estavam sempre presentes.

“Os filhos devem sempre respeito aos pais e obediência em qualquer ocasião. Esta atitude de respeito, próxima do temor, manifesta-se na crença popular, segundo a



qual, se os filhos afrontam os pais, se são maus para eles durante a vida, depois de mortos as suas campas racham e estes transformam-se em < almas penadas > “. (Lopes Filho, 1979: p.129)

Do citado advêm também o respeito e a obediência ao ancião. A condição social do ancião é muito valorizada em Cabo Verde, revestindo de função tanto a família como na comunidade de um modo geral. “O prestígio do ancião em Cabo Verde relaciona-se com o fato de ter vivido mais, de ter acumulado mais experiência. Essa longevidade e sobretudo o reconhecimento da sua função social de depositário da história e da sabedoria da comunidade originaram-lhe uma posição destacada na hierarquia da sociedade.” (Lopes Filho, 1979: p.140)

Esse respeito também se estende à anciã. A aparência física decadente e desvalorizada (bocas desdentadas, calvície, movimentos lentos, costas encurvadas) se contrapõe a uma postura terna, reflexiva, contemplativa. O ancião caracteriza-se em Cabo Verde pelo seu ar respeitável e o seu direito de aconselhar e conduzir uma discussão. São desse modo, agentes importantes de conservação e transmissão da cultura.

“O estatuto do ancião permite-lhe obter respeito, amizade, carinho e reconhecimento público dos seus serviços e ações. Por outro lado, impõe uma conduta cuidadosa ao ancião, uma vez que a sua posição torna-o exemplar (...) já que esta serve para reforçar o seu prestígio: não bate na mulher, não levanta a voz ao falar, pelo que ajuda-se um velhinho bêbado, dá-se-lhe o lugar no passeio, beija-se-lhe a mão e pede-se-lhe a benção, dá-se-lhe o lugar de honra na família ou na comunidade em ocasiões especiais”. (Lopes Filho, 1979: p.141)

São poucos os cabo-verdianos que de pequenos não se sentaram a volta dos avós ou de uma pessoa idosa para escutar histórias, à noitinha, histórias que por muito tempo permaneceriam vivas na memória e povoaram nossa imaginação. É de salientar que este hábito, apesar de ser generalizado é mais presente no meio rural do que no urbano.

Associado à família, portanto ao homem e à mulher, temos os valores morais, o que no contexto cabo-verdiano tem a sua expressão máxima, no sentido de honra. O sentido de honra está sempre presente no homem cabo-verdiano e é um dos pilares básicos pelo qual essa sociedade se rege.

Convém ressaltar, no entanto, que a honra é geralmente uma questão masculina. Cabe ao homem, chefe da família, zelar pela manutenção da sua honra e a partir daí, a da sua família.

A mulher, na sua condição inferior, não é capaz de defender sua honra e cabe ao pai ou ao marido defendê-la. “A contribuição da mulher deve através de uma atitude recatada e de obediência ao seu marido ou pai (...) a violação destes valores por parte das mulheres recai (...) sobre o homem que é visto como não sendo capaz de manter as mulheres da família em “ordem” (ordem social controlada pela comunidade inteira) tendo que arcar com a desonra de ser visto como não sabendo impor sua autoridade, importante elemento para a atribuição da honra”. (Lopes Filho, 1979: p.136)

Desse modo a contribuição da mulher para a honra é mínima, permitindo apenas a sua conservação, mas o contributo dela para a desonra é tremendo. A mulher precisa estar sempre sob o olhar atento do pai ou do marido. Segundo Lopes Filho, a mulher ascende no modo de ver da comunidade a partir do casamento: “...é pelo

casamento e pela maternidade que a mulher atinge uma posição privilegiada, pelo fato de ser esposa e mãe, única forma da mulher se redimir da sua impureza primitiva...” (1979: p.148)

Quando a honra é maculada ela exige reparação. O fato das filhas solteiras engravidarem era visto como desonra para a família, que procurando restaurar a honra, expulsam-nas de casa ou forçam um casamento.

No caso de infidelidade conjugal, as medidas para a reparação da honra podem ser mais drásticas: Sobre isso Lopes Filho coloca: “no caso de adultério (...) a honra ferida exige uma reparação, uma vingança, que pode ir desde a expulsão da mulher, até a morte do (s) culpado(s). (1979: p.137).

Deixar uma afronta a honra por vingar “é deixar a própria honra num estado de profanação e equívale a covardia. (Lopes Filho, 1979: p.129)



## **CAPÍTULO 3**

### **3.1. A PESQUISA**

A pesquisa foi realizada em Cabo Verde durante o mês de Setembro do ano corrente, 1999. Dado ao curto período de férias, que tornaria inviável a viagem por todas as dez ilhas do arquipélago, decidi aplicar um questionário apenas na Ilha de Santiago, mais concretamente, na cidade da Praia, que é a capital do arquipélago e a mais importante cidade do país. Nela estão os principais órgãos administrativos do governo e possui uma maior movimentação econômico-financeira. Por isso é um pólo atrativo para gentes de todas as outras ilhas do arquipélago.

A pesquisa se baseou num questionário aberto. Nele os entrevistados poderiam responder livremente a questões relacionadas à família, à mulher, ao homem, à homossexualidade, à importância do casamento e a vida social. Isso advém da necessidade, minha, de mostrar como o masculino cabo-verdiano se vê no meio social em que vive.

Não dividi a pesquisa por classes sociais e por nível de instrução. Assim, participaram chefes de famílias casados e amancebados, jovens solteiros, pequenos comerciantes, professores, funcionários públicos, motoristas, guardas-noturnos, estudantes, mecânicos, estivadores, todos eles homens e com a idade acima dos vinte anos. Dado que o objetivo do trabalho não é mostrar como uma dada faixa social pensa, procurei o máximo de variações. Como eu já havia colocado anteriormente, uma vez que se mostraram



receosos em divulgar os seus nomes, decidi designá-los genericamente por “informantes”. Tomei um único cuidado: os participantes teriam que ser de nacionalidade cabo-verdiana e, apesar da pesquisa abranger apenas o espaço da Cidade da Praia, não me fechei a participações das pessoas de outras ilhas. O que pretendo não é mostrar que o que aqui se diz é a única e verdadeira forma de se pensar e de ver o homem cabo-verdiano. Pelo contrário, quero mostrar o que consegui trazer à luz com a minha pesquisa e deixar claro que o assunto que não se limita unicamente ao que consegui obter. Relembremos que a povoação do arquipélago não se processou de uma única maneira, mas pelo contrário, tivemos variações ditadas às vezes pelo próprio meio físico. Se, apesar disso, produziram-se semelhanças é normal que também tenham-se produzido diferenças. Portanto, estudar o homem cabo-verdiano apenas pelos habitantes da Cidade da Praia, embora seja ela, oriunda de vários pontos do arquipélago, não é um estudo absoluto, fechado.

A partir da data de independência de Cabo Verde (1975) dividi a pesquisa em dois blocos. A dos atores sociais que nasceram antes da independência e portanto, conviveram bem ou mal com a política colonial, e os que vieram à vida depois de 1975. O total dos questionários preenchidos foi de cinquenta (50). Metade foi preenchida por cada um dos grupos.

Trata-se de duas gerações políticas diferentes. O porquê da classificação do trabalho a partir da data de Independência Nacional está ligado ao fato deste acontecimento, que pertence ao passado recente do Arquipélago, separar as experiências de vida dos cabo-verdianos. Sobre o arquipélago colonial, os jovens só ouviram histórias e relatos dos mais velhos. Como dizia um *slogan* do P.A.I.C.V. (Partido Africano de Independência de Cabo

Verde) “as crianças são a razão da nossa luta”. Os jovens de hoje, crianças de ontem, receberam o prêmio de nascerem num país livre e autônomo politicamente. A seguir veremos os discursos dessas duas gerações, suas semelhanças e diferenças.

A geração pré-independência engloba pessoas da faixa etária que varia de trinta anos (30) a sessenta anos (60). A geração pós-independência por seu lado, abarca pessoas com idade inferior a 30 anos.

Convém citar que, a fim de manter a originalidade dos textos em citação, não foram realizadas correções ortográficas.

## **3.2. O HOMEM CABO-VERDIANO FALA DE SI**

### **3.2.1- A vida familiar**

Quando foi colocada, no questionário, a pergunta referente ao que representava a família, percebe-se na faixa etária acima de trinta anos, que ela desempenha um papel de apoio e solidariedade, assim como sendo a célula básica da sociedade:

*“É o mais importante na minha vida. Representa o espaço propício para manifestarmos os nossos sentimentos de alegria, tristeza... enfim, é o sinónimo de vida”. (Informante-44 anos)*

*“A família para mim representa um espaço privilegiado, onde cada elemento da mesma se sente a vontade, convive plenamente com os seus, sente-se*

*seguro, confia em todos e recebe a ajuda que precisa para enfrentar a sociedade em que está inserido”.(Informante-58 anos)*

*“Para mim, a família é a base onde assenta uma sociedade. Ela (a família) representa um núcleo onde os laços entre os seus membros, por vezes, ultrapassa o sangue para passarem a ser de convivência, a harmonia, a fraternidade entre uma comunidade.”(Informante-37 anos)*

Respondendo à mesma questão, os homens abaixo dos trinta anos colocaram que a família também representa a célula base da sociedade, suporte da vida de um homem. Além disso percebe-se que a família também é vista como uma instituição onde quem manda é o homem-pai e significa cuidados acrescidos, responsabilidade e felicidade;

*“Para mim a família é uma pequena instituição em que tem de haver a colaboração e cooperação entre os membros dela sob responsabilidade de um cabeça que é o pai”.(Informante-26 anos)*

*“A família para mim representa a felicidade...” (Informante-25 anos)*

*“Para mim a família representa responsabilidades presentes e futuras”.  
(Informante-26 anos)*

A geração pós-independência (abaixo dos trinta), considera que ser pai, além de ser fantástico, também é problemático uma vez que traz consigo várias responsabilidades;

anterior:

procurar: *“Ser pai é um grande problema pois tens que trabalhar para alimentar os filhos, tens que educar os filhos...” (Informante-22 anos)*

reconhecer:

na prática: *“Ser pai é uma sensação maravilhosa que todos s homens gostam de passar ao ver a cara do bebê, cuidar dele, dar de comer... etc.” (Informante-24 anos)*

*“É um orgulho, ser mais responsável, ser homem com H maiúsculo.” (Informante-24 anos)*

*“Ser pai é uma grande responsabilidade, (...), pois devemos assumir a paternidade, pensando sempre nos filhos que podem sofrer por falta de pai...” (Informante-26 anos)*

Para as pessoas da faixa acima dos trinta anos ser pai significa, acima de tudo ser responsável pelo ser vivo que trouxe ao mundo, perante Deus e perante os homens. Aconselham também a ter mais de um filho, pois a qualquer momento pode-se perder o filho:

todas, exigir:

*“Ser pai é responsabilidade. É bom ser pai de mais de um filho, pois a qualquer momento pode-se perder o filho”.(Informante-35 anos)*



Cabe aqui recordar o que João Lopes Filho colocou e que foi citado no capítulo anterior. Um grande número de filhos garante ao pai uma velhice tranqüila. As preocupações e sacrifícios que um homem se submete ao ser progenitor, seriam recompensadas na terceira idade.

Mas ser pai não é só responsabilidade, outros entenderam como uma alegria e os pais deviam se esforçar para serem modelo dos filhos.

*“Para mim, ser pai é uma grande alegria”. (Informante-45 anos)*

*“É muito importante, é bonito porque maior amizade que um pai pode ter é no seu filho. Eu era capaz de dar a vida pelo meu filho”. (Informante-35 anos)*

*“Ser pai para mim significa ser educado, formador e modelo que consegue transmitir aos filhos valores que servem como orientação a sua vida”.  
(Informante-34 anos)*

Philippe Ariès(1981) mostra no livro “História Social da Criança e da Família”, que o sentimento de preservação da criança é um sentimento do mundo moderno. “Uma das leis não escritas na nossa moral contemporânea, a mais imperiosa e a mais respeitosa de todas, exige que diante das crianças, os adultos se abstenham de qualquer alusão, sobretudo

jocosa, a assuntos sexuais. Esse sentimento era totalmente estranho à sociedade antiga”.

(Ariès: p. 123)

Essas preocupação com a infância também se faz presente na sociedade caboverdiana, mas quando confrontamos com a questão de como educar meninos e meninas, as opiniões divergem. Para os de acima dos trinta anos, as crianças deviam ser educadas de diferente forma, dado que se trata de diferentes sexos. Outros defendem que merecem o mesmo cuidado, contudo, não se deve esquecer que são de sexos opostos. Outros contestam afirmando que por possuírem direitos e deveres semelhantes, merecem o mesmo cuidado;

*“Não (...) cada criança identifica-se com os indivíduos do mesmo sexo desde a tenra idade. Isso pressupõe a formação da personalidade de cada um em função do sexo.” (Informante-40 anos)*

*“Sim. Acho que no mundo atual, quer a rapariga quer o rapaz devem estar preparados para enfrentarem os desafios que a sociedade se lhes apresenta, desafios relacionados com o mundo laboral, as tarefas domésticos os problemas sociais.” (Informante-35 anos)*

As opiniões da geração abaixo dos trinta são bem parecidos com as já apresentadas. Alguns concordam que devem ser educados de forma coerente com o sexo, outros que não, devem ser educados da mesma forma e outros ainda admitem o mesmo cuidado mas com reservas.

*“No caso dos meninos não merecem muito cuidado. Machos não têm muitos problema. Meninas têm que ser alertadas sobre o perigo de estar em ambiente (sociedade).” (Informante-26 anos)*

*“... a educação deve ser universal e nunca atender a critérios discriminativos, quer sejam de ordem sexual ou outro”. (Informante-28 anos)*

*“Depende, pois pode ser o mesmo mas há que se ter um cuidado extra com as meninas pois, como acontece hoje, ocorrem muitos casos de gravidez precoce.” (Informante-28 anos)*

As opiniões sobre o papel do homem no seio da família também não divergem apesar de serem diversificadas. Está ligado à responsabilidade e essa responsabilidade se traduz em ser amigo e educador; provedor do lar e em garantir a felicidade do lar.

Para a nova geração (abaixo dos trinta) um homem deve ser na família *“um pai, um amigo, um responsável por qualquer coisa no seio da família.” (Informante-24 anos)*. Outro jovem de 23 anos colocou que *“o homem é a pedra fundamental numa família, uma família sem homem é desrespeitada pela sociedade. Os filhos precisam sempre dos apoios dos pais, mas o apoio do pai é mais importante pelo filho que sente forte e firme com o apoio dos pais.” (Informante-24 anos)*

Outro jovem de 26 anos defende que o homem é o elemento central, a partir do qual tudo emana, “... o marido; e o responsável pelo bem-estar da família, um provedor (...) Tanto no sentido físico, material, espiritual e emocional”. (Informante-26 anos)

Para os homens da faixa etária acima dos trinta anos o papel do homem na família está muitas vezes em trabalhar em conjunto com a mulher. Um informante de 42 anos coloca que “... para mim o homem na família é mais uma peça que conjuntamente com a sua mulher participam em todas as atividades do lar e nas tomadas das grandes decisões”. Um outro informante de 36 anos acrescenta que “...deve ser a mesma que tem a mulher exceto as funções que são naturais ou que decorre de diferenciação biológica”.

Outros entrevistados da mesma faixa etária apenas vêem o homem como o chefe do lar; “Tem que garantir a família, é o chefe. Eu sou o responsável por tudo, filhos, mulheres e netos”. (Informante-56 anos) O elemento masculino da família seria, no dizer de um informante de 42, o protetor e suporte econômico:

*“Deve ter uma conduta a todos os títulos exemplar e contribuir para a segurança, bem estar e sustento da família”.*

Por último a opinião de um informante de 44 anos sintetiza qual deve ser o desempenho esperado do homem na família: “... fazer com que a sua família seja feliz”. A felicidade familiar aparece aqui como a meta desejada.

Se as opiniões sobre o papel do homem na família são diversas, as sobre a mulher concordam ao entender que cabe a mulher ser “a dona da casa”:



*“A tarefa que cabe à mulher é desempenhar os trabalhos de casa e cuidar do bem-estar dos filhos e do lar”. (Informante-23 anos);*

*“A função da mulher na família é ser dedicada, carinhosa, cuidar dos filhos, dar um jeito na casa, cuidar do marido, passar, lavar... (Informante-24 anos)*

*“A função dela é a de ser dona de casa, se tiver filhos, cuidar deles, cuidar do marido (preparar o almoço, jantar) Tem o direito a trabalhar para ajudar nas despesas da casa”. (Informante-22 anos)*

É curioso notar que aqui, na última citação, a mulher pode trabalhar. É uma variante ao papel que a história cultural do arquipélago atribui a mulher.

Ser a “*dona da casa*”, portanto responsável pelas tarefas domésticas fez da mulher a encarregada pela educação e formação dos filhos;

*“Na minha opinião tenho a dizer que a mulher tem a função de educar porque não existe mulher no mundo que nos dá o amor como a nossa mãe nos dá”. (Informante-24 anos)*

*“A mulher funciona com parceira íntima do homem, contribui de uma forma relevante na educação dos filhos e os demais serviços a bem da família”. (Informante-42 anos)*

Cabe a ela garantir um clima de convivência pacífica e harmoniosa entre os membros do lar;

*“A função da mulher na família é orientar e organizar de modo que haja uma estabilidade familiar”.* (Informante-24 anos)

*“Na minha opinião a função da mulher na família é a de parceira, semelhante ao marido, que se realiza dando-se a este e aos filhos com a felicidade, seja permanentemente uma realidade no seu lar”.* (Informante-58 anos)

A mulher seria o contrapeso do homem. Apesar de relegada a tarefas domésticas e muitas vezes não ser o provedor do lar, ela participa, gera vida, orienta e forma opiniões;

*“A mulher equilibra a família, ela faz o contrapeso ao homem”.* (Informante-22 anos)

*“Na minha opinião a mulher desempenha um papel fundamental (...) como ajudadora e complemento do marido não como escrava”.* (Informante-26 anos)

A administração do lar, do rendimento familiar são geralmente feitos pelos dois membros do casal, e a suposta superioridade do homem, muitas vezes não se traduz na

prática, pois a influência da mulher reveste-se de aspectos muito importantes, que vão da geração de vida, socialização dos filhos, à garantir a harmonia do lar.

De acordo com João Lopes Filho, as decisões finais em assuntos que digam respeito a família, a última palavra é do homem. Cabia à mulher respeitar a sua decisão e obedecer-lhe; “Para fundamentar a sua autoridade o homem invocava até mesmo a Bíblia, (...) e também o juramento efetuado pela mulher no ato do casamento (quando o houve) comprometendo-se a obedecer-lhe”. (Lopes Filho: 1979 p. 127)

Alguns dos entrevistados consideram que para a boa convivência conjugal, a mulher deve ser fiel, sincera, honesta e carinhosa com o marido. Este seria o comportamento mais adequado dela em relação ao seu homem;

*“Uma mulher deve ser carinhosa amável, fiel, sincera, trabalhadora e uma grande amiga, deve fazer o possível para satisfazer os desejos do marido, nunca deve trair o marido e nem tentar fazê-lo ciúmes”.* (Informante-24 anos)

*“Fidelidade, lealdade, confiança, respeito, honestidade. Esse comportamento deve transmitir uma certa confiança e estabilidade ao próprio marido”.*  
(Informante-40 anos)

Outros defendem que o que se espera de uma mulher é a sua cega obediência. Ela deve ser submissa ao homem. Um dos entrevistados evoca um trecho da Bíblia onde se justifica a submissão feminina;

*“Deve andar com prudência, com circunspeção, ser submissa a seu marido, deve submeter-se-lhe em tudo (Efésios 6: 22-24). Deve sobretudo, ter um forte senso de compromisso, implícito no casamento que fará que o casal deseje ficar juntos nos bons e maus momentos. (Informante-38 anos)*

*“Deve ser submissa ao marido, ser franca e aberta”. (Informante-24 anos)*

*“Ser submissa, tolerante e fiel”. (Informante-38 anos)*

Outras opiniões não colocaram a tônica na submissão feminina, mas defendem que uma mulher deve sempre respeitar o seu marido;

*“Tem que ter muito respeito pelo marido, não deve brigar com ele, se tiver algo para falar, que fale em casa, não na rua na frente de todo mundo”. (Informante-22 anos)*

Segundo Damatta, e a última citação concorda, “não se pode misturar o espaço da rua com o da casa sem criar alguma forma de grave confusão, ou até mesmo conflito”. (Damatta, 1985: p. 43) O respeito que a mulher deve ao homem não se restringe unicamente em saber diferenciar os espaços de convivências, mas segundo outras opiniões passa pelo



respeito a que essa mulher se impõe, o seu andar, a sua forma de vestir, falar, comportar-se...;

*“Em relação ao marido uma mulher ter respeito como pela sua maneira de ser, de pensar, de agir e conviver e ter comportamentos que indiquem ao marido uma maior confiança”. (Informante-41 anos)*

*“Deve respeitá-lo e fazer-se respeitar por este”. (Informante-44 anos)*

*“... ela deve cuidar do marido, ter tudo sempre em ordem e respeitar o seu homem”. (Informante-43 anos)*

Como foi visto anteriormente, a poligamia nunca foi condenada no arquipélago, apesar de não reconhecida oficialmente. Carreras observa que “pode dizer-se que existe uma poligamia de fato, que não de direito” (1977: p. 30). De acordo com o autor, muitos homens, além da família oficial, ostentavam várias amantes e isso exaltava a sua condição de macho.

A sexualidade, afirma Dantas, é construída, pois “o ser humano, diferentemente dos outros animais, não traz ao nascer uma determinação natural complexa de comportamento. Sua conduta é erigida de uma relação dialética com a natureza, onde aprendendo a lidar com ela o ser humano constrói um mundo mais humano, que lhe permite se situar em relação a natureza e aos outros”. (1999 : p. 57)

As opiniões sobre o homem que ostenta várias amantes não são unânimes. Para alguns é um homem que corre riscos e deverá se cuidar ante as doenças sexualmente transmissíveis (D.S.T):

*“É um homem possível de contrariar doenças e transmiti-las aos outros”*  
(Informante-24 anos)

*“Acho que isso é um desrespeito perante a mulher e existe vários riscos a confrontar”.* (Informante-25 anos)

*“Apesar de na nossa sociedade, muitos homens, ainda tem o conceito de machista e machão e pensa que a sociedade é dominado exclusivamente pelo homem e perante a sociedade isso ser normal, o que não é, na medida em que o perigo da doença é igual para todos”.* (Informante-38 anos)

Outros colocam que é um *show-man*, não ama as mulheres e nem conhece o amor:

*“Antigamente dizia-se que este era um verdadeiro macho mas eu acho isso pura infantilidade. É mais bonito ter relações com aquela que se ama pois no amor se encontra o verdadeiro valor do sexo”.* (Informante-25 anos)

*“Não conhece amor, gosta de todas as mulheres”.* (Informante-24 anos)

*“Sou contra. Um homem não deve ter muitas mulheres. Mas tem homens que são volúveis, que são parecidos com animais”. (Informante-60 anos)*

Outros acrescentam que se trata de um homem insatisfeito:

*“Este homem é um homem insatisfeito, ou seja, não encontra o que procura nas mulheres com que relaciona”. (Informante-24 anos)*

Por último, alguns concordam que é um comportamento normal, apesar de não ser o correto:

*“Leva uma vida normal desde que usa preservativos”. (Informante-23 anos)*

*“É normal. Tem que utilizar camisinha, senão, tem que conhecer as pessoas com as quais se relaciona. Homem tem direito a ter várias mulheres”. (Informante-22 anos)*

*“Normal, a poligamia não é pecado, faz parte da própria natureza humana”. (Informante-23 anos)*

*“Não é correto, mas é normal...” (Informante-27 anos)*

*“... pode-se arranjar umas duas ou três mulheres, mais do que isso não é bom”. (Informante-35 anos)*

*“Não é correto, mas é diferente de uma mulher, pois não; e visto com uma mulher e vista. Um homem que possui várias amantes acaba por ser bem visto”. (Informante-35 anos)*

Partindo da última citação, veremos como é vista a mulher que possui vários amantes. Citando novamente Ribeiro, percebe-se que a sexualidade não existiria a não ser inserida no contexto social:

*“...ser homem ou ser mulher, ou qualquer das outras sexualidades assumidas e ou atribuídas, é um processo de construção que informa e é informado pelas representações sociais”. (Dantas, 1999: p. 36)*

No contexto social do arquipélago, à mulher sempre, exige-se fidelidade e castidade absoluta e indiscutível. Alguns dos entrevistados afirmam que uma mulher que possui vários amantes mantêm um comportamento de risco:

*“Acho que essa mulher está a correr grande risco, como por exemplo: abusar do próprio corpo, desrespeitar a sua própria pessoa, pode facilmente apanhar doenças sexualmente transmissíveis e não ter um bom futuro”. (Informante-25 anos)*



*“...corre o risco de ter doenças, ter muitos filhos...” (Informante-27 anos)*

*“É uma mulher que corre riscos. Coloca em causa não só a sua saúde física como também a dos outros com os quais mantém relações sexuais”.*  
*(Informante-35 anos)*

*“Tem que ter cuidado, tem que saber bem com quem ela está se juntando porque mulher foi feito para um homem. Tem que usar camisinhas”.*  
*(Informante-22 anos)*

Outros dos entrevistados simplesmente condenam a mulher que possui vários parceiros:

*“Admiro a sua capacidade de se fazer desejada (...) mas eu não aceitaria jamais ser um dos seus homens”.* (Informante-23 anos)

*“Ela só pode ser “tarada ou uma pessoa que tem problemas psicológicos”.*  
*(Informante-25 anos)*

*“A minha opinião é que uma mulher mal vista pela sociedade”.* (Informante-24 anos)

*“É uma mulher que não consegue manter uma relação estável com um homem e poderá ser que sofre de alguma doença de insatisfação sexual, é uma mulher que deve mudar a sua conduta”. (Informante-21 anos)*

*“Não é correto, pois normalmente as mulheres devem agüentar caso algum relacionamento delas não derem certo. Não deve acumular parceiros”. (Informante-27 anos)*

*“Na minha opinião uma mulher que vive assim é uma que não tem amor próprio, porque leva a própria vida a cova, não merecendo sequer o respeito dos outros”. (Informante-26 anos)*

*“É uma mulher que precisa de conselhos, porque não está a pensar na vida dela. O nome dela é puta”. (Informante-23 anos)*

*“Em primeiro lugar ela é uma autentica destruidora da sociedade e de si própria. Em segundo lugar constitui um mau exemplo para uma sociedade que sequer de paz, progresso e bem-estar”. (Informante-38 anos)*

*“Esta não tem direito de ter estatuto de esposa. Ela constitui um potencial fonte de brigas, instabilidade, insegurança, divórcio e de desgraça”. (Informante-40 anos)*

*“Uma mulher que tem vários parceiros não é séria. É uma mulher desrespeitada, que não tem aceitação perante a sociedade”. (Informante-45 anos)*

*“Sou contra, na minha opinião mulher deve ter só um homem. É uma vergonha para os filhos”. (Informante-60 anos)*

*Não é normal na nossa sociedade uma mulher manter relações sexuais com mais de um parceiro. É considerado um comportamento muito errado”. (Informante-40 anos)*

Outros ainda não condenam, pelo contrário, procuram compreender, mas nenhum deles consegue encarar a questão sem criar situações como por exemplo: se trata de uma mulher com problemas e que precisa ser ajudada; se trata de uma mulher abandonada ou de uma mulher que precisa buscar o seu sustento através do seu corpo:

*“Não digo que é uma puta, mas depende da consciência dela, pois muitas vezes uma mulher arranja um homem que não a realiza e ela é obrigada a arranjar outro”. (Informante-23 anos)*

*“Há pessoas que tem tipo psicológico diferente, quando a fantasia supera a razão da nisso: o ser humano é imperfeito e a natureza as vezes é ingrata, não se pode domar a natureza 100%”.(Informante-23 anos)*

*“Primeiro deve-se tentar compreender as reais necessidades dessa mulher, porque uma mulher só procura outro homem quando aquele que ela tem não lhe satisfaz as suas necessidades morais, físicas, psicológicas, fisiológicas, econômicas...” (Informante-37 anos)*

*“É uma mulher como qualquer outra, mas que teve problemas pessoais e precisa de mais apoio social. É preciso conhecer o drama dessa mulher”.  
(Informante-34 anos)*

*“Essas mulheres fazem de suas relações para obter o seu sustento, mas não é bom nem para elas, nem para a sociedade. Há de se encontrar uma forma de sobreviver”. (Informante-35 anos)*

*“Na minha opinião, as mulheres que tiveram ou têm vários parceiros foram vítimas, na maior parte das vezes do primeiro parceiro, porque normalmente procuram o segundo ou mais parceiros para as ajudar a criar os filhos”.  
(Informante-35 anos)*



A mulher que possui ou já possuiu vários parceiros é, segundo acabamos de observar, um mal para a sociedade ou quando não, uma pessoa problemática. Segundo alguns, não merecem o estatuto de esposa. A mulher que merece o estatuto de esposa é aquela que perdoa as falhas do homem:

*“Uma esposa ideal para mim é a que tem espírito de perdoar, que zela pelo que é seu, respeitosa e que tempera tudo o que faz com amor”. (Informante-26 anos)*

É também a mulher que preocupa-se em cuidar do marido:

*“É aquela que dá todo carinho ao marido, que tem que honrar e respeitar a sua própria família...” (Informante-23 anos)*

*“É aquela que toma conta da casa, é sincera, é carinhosa e dá amor necessário ao marido”. (Informante-24 anos)*

*“...é aquela que me respeita, que é fiel a mim, uma boa dona de casa, mansa, atenciosa, compreensiva, amiga, carinhosa e sobretudo companheira...” (Informante-25 anos)*

*“Aquele que cuida do marido, que lhe dá muito respeito e que tem confiança no homem que tem”. (Informante-23 anos)*

É a mulher que ama e quer ser amada, além de ser fisicamente atraente:

*“Bonita, simpática e que me ama”. (Informante-23 anos)*

*Inteligente, que esteja disposta a amar e a ser amada, deverá ter o mínimo de beleza”. (Informante-21 anos)*

Segundo outro, somente aquela que sabe se respeitar e se fazer respeitar merece a condição de esposa:

*“Tem que cuidar da sua vida, ter respeito pelo marido, tem que saber dizer não e tem que dar prova que ela é educada. Tem que saber que saber se divertir e ter cuidado com as amigas”. (Informante-35 anos)*

*“Respeita o marido e os filhos fazendo-se respeitar por estes. Cuida da sua casa e da sua família”. (Informante-44 anos)*

*“Deve se manter fiel, respeitar e obedecer o marido e ter uma postura exigente, ou seja, tem que saber impor a sua posição.” (Informante-35 anos)*

É a mulher responsável pelos seus atos e que consegue ser amorosa, compreensiva, companheira nos bons e maus momentos:

*“Não precisa ser bonita e boa, mas sim concentrada, pode até ser feia, mas concentrada. Prefiro uma feia concentrada”. (Informante-26 anos)*

*“É uma pessoa que eu sei que não me trairia, que tudo o que eu disser, ela vai ouvir e dentro de casa temos de viver bem e não pode sair fora e falar o que acontece entre nós dois dentro de casa”. (Informante-22 anos)*

*“Para mim é aquela que sabe amar, respeitadora, que tem boa noção de responsabilidade e cumpridora de suas obrigações”. (Informante-42 anos)*

*“Uma mulher sensata, virtuosa, secreta de coração e de sua aparência física. Uma mulher dotada de modéstia e de bom senso. Uma esposa em sujeição que ama e obedece o marido e a família”. (Informante-38 anos)*

*“...deve ser respeitadora, fiel ao marido, uma mulher ativa, que conhece o início e o fim dos seus limites e direitos”. (Informante-35 anos)*

*“Todo o homem gostaria de ter uma mulher respeitada, séria, boa companheira e que sabe compreender os momentos difíceis”. (Informante-45 anos)*

*“...é a que ama no verdadeiro sentido da palavra, doando-se sem reservas, dialoga, é compreensiva, sabe perdoar e lutar para felicidade, alegre e par do marido”. (Informante-58 anos)*

Alguns dos entrevistados com idade abaixo dos trinta, portanto, a geração pós-independência, acrescentaram que desejariam despojar uma mulher que fosse moderna:

*“Companheira, bonita, (sem ser “exageradamente” linda), inteligente, capaz, respeitadora; sexualmente liberal, mas sem comportamento lascivo, carinhosa, independente e forte, emocionalmente estável”. (Informante-23 anos)*

*“Sincera, honesta, modesta, que me seduza nas horas e momentos especiais e que se vista bem”. (Informante-24 anos)*

*“Tem que ser carinhosa, compreensível, sociável, inteligente, fiel e muito exigente no que conserve ao amor”. (Informante-23 anos)*



É interessante notar que a mulher que se aceita para esposa, mesmo sendo ela moderna ou não, adequa-se ao que os homens entrevistados consideram ser a função delas na família e a forma delas se comportarem ante o marido.

Já constatamos que a infidelidade conjugal feminina é vista, no arquipélago, como uma grave ofensa a honra do homem. Tal agravo muitas vezes somente era amenizado ante a morte dos traidores. Confrontamos com a questão: como reagir ante a traição da mulher? Os entrevistados mantiveram sempre presentes nas respostas, o fantasma da violência, alguns entenderam que o marido deveria se conter e procurar diálogo com a esposa:

*“...o primeiro passo deve perguntar a esposa o porquê daquela reação e depois de dialogar com ela, tomar a decisão certa. Com uma mulher traída faria, ou será que por ser homem deverá tomar decisões drásticas?” (Informante-24 anos)*

*“Ser calmo nas suas ações (sem violência)”. (Informante-22 anos)*

*“Com serenidade procurando a via do entendimento ou da separação. Agir com normalidade, não sendo esta via violência”. (Informante-26 anos)*

*“Muitas vezes a violência sobressai no espírito do homem traído, mas para*

*mim o homem traído, seja qual for o motivo, deve conversar com a mulher e depois seguir os seus pensamentos”. (Informante-25 anos)*

*“...primeiro controlar a sua raiva (muito difícil) tentar resolver o problema através do diálogo e não através da violência”. (Informante-21 anos)*

*“Acho que nesse caso, u, homem não deve reagir com agressividade. Não bater ou matar, pois isso não vai mudar o que ela fez”. (Informante-23 anos)*

*“Um homem que foi traído pela mulher deve tentar descobrir o motivo porque isso aconteceu e diálogo com a mesma sobre o assunto com vista ao perdão, se isso se mostrar conveniente”. (Informante-58 anos)*

*“O homem que foi traído pela mulher, deve reagir com calma e ver as causas para tomar qualquer atitude, não se precipitar...” (Informante-45 anos)*

Outros defendem que em nome da família e pela felicidade do lar ele deve procurar compreender a atitude da mulher:

*“Deverá conhecer as razões que levaram a mulher a traí-lo, se a causa está relacionada com a mulher ou outra coisa. A partir daí, deve reagir com*

*cuidado, tendo em conta que a família é um bem que deve ser preservado”.*

*(Informante-34 anos)*

*“Deve tentar o diálogo e tentar chegar a um consenso porque a gente leva anos para formar um lar e um minuto de leviandade para o destruir”.*

*(Informante-37 anos)*

Outros colocam que perante a esta situação, o homem deveria abandonar a mulher e tentar não injuriá-la:

*“Deve ser suficientemente forte para não cometer loucuras. Entretanto, eu deles deverá partir”.* (Informante-40 anos)

*“Deve largá-la, não precisa bater ou matá-la”.* (Informante-60 anos)

*“Deverá esquecer tudo o que aconteceu entre eles e procurar uma nova mulher”.* (Informante-35 anos)

*“Ele deve abandoná-la”* (Informante-40 anos)

Por último, alguns consideram que tal situação justificaria a agressão física e mesmo a morte da infiel:

*“Se me trair eu bato nela porque uma mulher não deve trair o seu homem...”*

*(Informante-22 anos)*

*“Se uma mulher trair o marido, deve o marido abandoná-la. As vezes com raiva o homem pode até bater nela” (Informante-26 anos)*

*“Tem que manter forte, pois se o homem for fraco, pode cometer algo não muito aconselhável. Conheci um cara que nem sendo casado foi traído e quase matou a mulher. Depende muito do momento”. (Informante-35 anos)*

*“Depende do estado de espírito do marido, porque perante a sociedade um homem traído é um homem ferido que em certos casos poderá ter uma reação intempestiva, que poderá trazer a morte. No entanto o diálogo e posteriormente a separação podem solucionar o problema. A calma e a prudência estão acima de tudo”. (Informante-35 anos)*

Qualquer das posições aqui defendida é permeada pela violência. Para Rafael Ramirez<sup>1</sup>, “fazer-nos homens é um processo difícil e doloroso. Reproduzir a ideologia masculina é situar-nos cotidianamente em jogos de poder, e nossa construção desvalorizada da esfera do feminismo, nos converte em nossas próprias opressões” (1995: p. 80)

---

<sup>1</sup> - In: A Desconstrução do Masculino.



Para entender o que foi dito, veremos com os homens entrevistados, como eles acham que deveria agir uma mulher traída.

Para uns a infidelidade masculina é algo corriqueiro, dado que algumas mulheres nem se importam com isso. Portanto, é normal isso ocorrer e as mulheres devem assim, aceitá-lo:

*“Para um cabo-verdiano isso é normal, tem mulheres que nem ligam, eu penso que a mulher deverá manter seu equilíbrio, pois aqui em Cabo Verde nos habituamos a ouvir dizer que homens tem duas ou mais mulheres”. (Informante - 35 anos)*

*“Na minha opinião, aqui em Cabo Verde, é algo comum (...) Na sociedade cabo-verdiana o marido ao trair a mulher, tudo deve continuar normal. Mas se for o contrário a mulher é humilhada e maltratada pelo marido e pela sociedade”. (Informante -24 anos)*

*“Cada mulher pensa de uma forma, umas reagem pedindo a separação, outras nem ligam. Eu acho que é normal um homem trair a esposa”. (Informante - 28anos)*

*“Deve reagir normal, como algo de natural, dado que o amor não é eterno.. Se isso acontecer é porque houve uma mulher que seduziu o esposo, no entanto,*

*deve-se manter calma e procurar as mil e uma maneiras de reconquistar o marido". (Informante - 24 anos)*

*"Ela deve levar a vida para frente porque a vida nos reserva muitas surpresas". (Informante - 24 anos)*

Outros acham que ela deve perdoar o marido em nome do bem da família:

*"Com calma e prudência deve analisar as causas, e na medida do possível não abandonar o marido. Porque vai colocar em jogo não só o interesse dela, mas também dos filhos". (Informante - 59 anos)*

*"Uma esposa que foi traída pelo marido deve repreendê-lo duramente, mas deve perdô-lo para salvaguardar a família". (Informante - 40 anos)*

Alguns dos entrevistados sem meias medidas concordam ao afirmar que a mulher traída deve abandonar o esposo infiel, pois quando ocorre a traição falta o amor ou respeito entre os cônjuges, e na falta desses sentimentos não se pode pensar em levar adiante uma vida a dois:

*"A mulher não deve perdoar o seu marido nessas circunstâncias. Quando isso*

*acontece já não existe um verdadeiro amor e começa a reinar um clima de desconfiança, de rancor e de ódio”. (Informante - 42 anos)*

*“Deve largá-lo. Os dois não mais se respeitam e é melhor a separação”.  
(Informante - 60 anos)*

*“Deve por termo à relação com o marido, pois, numa relação a dois tem de existir confiança. Mas é evidente que na vida real nem sempre é possível a tomada de tal atitude, uma vez que são inúmeros os fatores que pesam como barreira”. (Informante - 28 anos)*

*“Perde a confiança, daí recomenda-se a separação”. (Informante - 23 anos)*

Outros afirmam que ela deve analisar com muita ponderação as causas da infidelidade do marido e após procurar o diálogo, tomar atitude que convêm:

*“Em primeiro lugar deverá apurar a veracidade dos fatos (..) conversando com o marido pedindo explicações sobre o fato e depois decidir se irá ou não continuar com o marido (isto dependerá da opinião de cada mulher)”.  
(Informante - 35 anos)*

*“Procurar a via do diálogo, devido ao papel atribuído ao homem pela sociedade a mulher acaba na maior parte dos casos por perdoar”. (Informante - 21 anos)*

*“Penso que neste caso, a esposa deve com calma avaliar a(s) causas(s) que estão na base da traição do marido e tentar resolver a situação tentando corrigir o problema da melhor maneira possível”. (Informante - 26 anos)*

*“Com máxima ponderação, no sentido de conhecer as causas da traição e só depois deverá tomar um decisão bem pensada”. (Informante - 44 anos)*

*“Através do diálogo com o marido, podem tentar ultrapassar essa situação, a mulher nunca deverá injuriar o marido ou difamá-lo publicamente. Pode também decidir sozinha se procura um novo horizonte”. (Informante - 35 anos)*

*“Uma esposa que foi traída pelo marido deve reagir com serenidade e procurar dialogar com o mesmo, afim de esclarecer a situação com vista ao perdão, sendo possível, para a continuação da união”. (Informante - 58 anos)*

*“Ela deve primeiramente ter calma, analisar a situação antes de tomar qualquer decisão precipitada e se ela ama o marido, tentar compreender as causas de tal comportamento”. (Informante - 45 anos)*



Percebe-se, a partir dessas citações, que não se faz alusão ao direito da mulher também lavar a sua honra face a traição do marido. A mulher, como afirmou um dos citados, não deve injuriar nem difamar publicamente o seu marido. A honra no arquipélago, como vimos com João Lopes Filho, não se estende a esfera do feminino. A honra, no caso, serve para diferenciar e legitimar as atitudes de cada um dos gêneros. Segundo Rafael Ramirez<sup>2</sup> “as ideologias masculinas são construções cognoscíveis e discursivas, dominantes nas sociedades que se estruturam com base em relações assimétricas entre os gêneros (...) Os discursos (masculinos) são construídos com a intenção de se subordinar a mulher e desvalorizar a esfera do feminino. Tais discussões não são necessariamente (...) dirigidas à mulher, mas, muitas vezes, (...) ao homem, ao opositor real ou potencial, porque os encontros entre homens são trabalhados pela rivalidade, a competição e a possibilidade de conflito”. (1999: p. 72).

A mulher cabo-verdiana, ao longo dos tempos, muitas vezes viu-se na necessidade de ser o chefe do lar, quer devido à morte deste ou devido à emigração do marido, fato mais corrente na história do arquipélago. Portanto a situação onde a mulher vive e organiza a sua família sem a presença do elemento masculino não é algo incomum.

Isso, contudo, não significa dizer que ela não era alvo de discriminação. Um outro ditado popular diz:

“Mulher sem homem é uma viola sem cordas”.

---

<sup>2</sup> In: “A Desconstrução do Masculino”

Para os homens que participaram na pesquisa, as opiniões sobre uma mulher que leva a vida sem depender de homem algum, não são as mesmas. Para alguns ela não se realizará na vida e é confundida com uma mulher da vida, ou seja, como uma prostituta. Outros já acham que isso prova que as mulheres amadureceram. Questionados sobre o pensam sobre uma mulher independente, responderam:

*“Acho muito estranho. A tendência é de encaminhar para os maus vícios tais como: prostituição, toxicodependência, tabagismo etc.”. (Informante-25 anos)*

*“Uma mulher independente vive sozinha, e como sem diálogo não conseguimos ter sucesso na vida, é uma pessoa de cabeça fraca”. (Informante-24 anos)*

*“É uma mulher que tem mais de dois homens”. (Informante-23 anos)*

*“Se acha que pode ser independente por capricho e está sempre ligada a paródia e más companhias”. (Informante-35 anos)*

*“Não é normal, pois, todas mulheres precisam de um homem, a não ser que ela tenha uma vida de putaria”. (Informante-22 anos)*

*“Uma mulher independente tem a tendência de estar sempre trocando de parceiro, portanto não é séria”. (Informante-23 anos)*

*“Insatisfeita com os homens ou considera-se azarada com homens, ou então quer fazer das suas na sua vida, e é egoísta”. (Informante-28 anos)*

*“Hoje em dia encaramos isso com a maior maturidade, na medida em que deparamos com muitas mulheres independentes, possuindo um elevado nível de escolaridade e um bom emprego e que preferem estar independente. É um fenômeno comum do nosso século.” (Informante-35 anos)*

*“Não a condeno, pois algumas devem ter tido provas e sofrimentos vários e acharam que seria melhor tornarem-se auto-suficientes. Para mim tudo bem...” (Informante-25 anos)*

*“É uma mulher que está em condição de ser boa esposa, boa profissional, boa mãe, boa amiga, enfim, boa cidadã”. (Informante-34 anos)*

*“Uma mulher independente é uma mulher atualizada, moderna, e do meu ponto de vista, acho que é sempre bom uma mulher ser independente”. (Informante-24 anos)*

*“Acho isso bonito, pois mostra que ela já amadureceu, não é mais criança, e que ela é dona do seu próprio nariz”. (Informante-24 anos)*

É interessante notar que alguns dos que deram a sua opinião sobre a questão frisaram que a solidão está sempre presente na vida da mulher independente.

*“Uma mulher que por opção de vida decidiu estar sozinha, progredir, mas será sempre ou quase sempre alguém que procura algo em outras palavras, uma solitária à procura do amor”. (Informante-21 anos)*

*“Deve ser bom por um lado, porque se ela tiver que partir para um lugar se certeza de um futuro positivo, ela não tem que preocupar-se com ninguém. Por outro lado ela deve sentir-se solitária”. (Informante-25 anos)*

*“É a mulher que não vê no seu homem o companheiro ideal. Todo o papel que cabe ao homem, ela procura desempenhar de forma natural, de modo a que se sinta realizada”. (Informante-45 anos)*

*“Depende do caso, mas eu entendo, pois algumas sofreram desilusões e preferem viver sozinhas”. (Informante-60 anos)*

A pesquisa quis saber, também, o que os entrevistados acham que uma mulher espera do homem, com o qual decide formar um lar e uma família.



Para alguns, a mulher deseja encontrar a felicidade que se expressa em amor, carinho, respeito, filhos, um lar digno e um futuro feliz:

*“Acho que qualquer mulher espera felicidade por parte do homem. Espera que o homem lhe torne feliz com uma certa prosperidade e lhe ofereça um lar digno”. (Informante-42 anos)*

*“Eu acho que ela espera encontrar a felicidade nos seus diversos aspectos”.  
(Informante-24 anos)*

*“A mulher espera muitas coisas, sobretudo amor, carinho, viver bem ao lado dos filhos e do marido...” (Informante-28 anos)*

*“A meu ver ela deseja o amor e sentir-se segura ao lado do seu homem”.  
(Informante-22 anos)*

*“Que vá lhe tratar bem dando atenção, não lhe magoando, não lhe batendo, mas sim, dando-lhe carinho, eis o que acho que a mulher espera do seu homem”. (Informante-22 anos)*

*“Espera, eu acho, viver bem com seu homem, não brigar e viver uma vida tranqüila e feliz, o que muitas vezes não acontece”. (Informante-60 anos)*

Outros colocam que a mulher, na opinião deles, deseja um companheiro que saiba cumprir o seu papel e que lhe possibilite realizar-se como mulher:

*“Eu acho que ela espera encontrar um cooperador na construção e promoção da vida”. (Informante-34 anos)*

*“Espera ter um homem bonito, não da parte exterior, mas sim, da parte interior. Um homem honesto, trabalhador, culto, amoroso, cumpridor do seu papel”. (Informante-42 anos)*

*“Acho que uma mulher espera de um homem um tratamento que lhe permite realizar-se com a mulher que é...”. (Informante-60 anos)*

*“Espera viver bem com ele, viver com alegria, com mais amizade, adquirir uma família”. (Informante-28 anos)*

*“...que seja um ombro amigo, particularmente nos momentos mais difíceis”. (Informante-42 anos)*

*“Que seja o homem da sua vida, bom chefe de família, bom pai dos filhos, que lhe transmita segurança, confiança, bem estar e dê carinho a ela e aos filhos”. (Informante-34 anos)*

Outros entrevistados colocaram a tônica no aspecto físico do homem e nos seus atributos sexuais. Segundo estes, a mulher deseja um homem bonito, inteligente e sexualmente capaz:

*Espera um homem que seja amoroso, sensual, honesto, fiel, charmoso, responsável, inteligente". (Informante-40 anos)*

*"Eu acho que ela, a mulher, deseja um homem inteligente, exemplar e bom na cama". (Informante-23 anos)*

*"Eu acredito que ela espere que o homem seja bonito, saudável, simpático, cavaleiro, com bom senso, alegre e romântico..." (Informante-24 anos)*

### **3.2.2 - A vida social**

Quais os princípios que norteiam o comportamento social do elemento masculino cabo-verdiano? A pesquisa retirou o homem do seu meio familiar para colocá-lo num meio ainda maior: o meio social. Segundo Damatta, dos dois meios teríamos dois

espaços: a casa e a rua respectivamente. A rua é o espaço onde todos dependem de Deus, é o local de luta, do mais forte. É o espaço de desconfiança e onde o mais esperto leva sempre a melhor. Este espaço, contrastando com o espaço casa, ainda de acordo com Damatta, é desprovido de afetividade, de carinho e cada um olha por si numa luta constante. É o espaço que se adequa ao gênero masculino. Nele o homem pode ser impessoal, frio, até porque, na presença de outros homens não lhe é preciso ser amável. A linguagem de todos é a mesma e não comporta demonstração de sentimentos, que associados à fraqueza reverterem o homem sentimental ao mundo do gênero feminino.

Alguns dos entrevistados colocaram que o comportamento social do homem devia seguir as normas ditadas pela sociedade, mas houve quem, também, afirmasse que o homem devia se portar do jeito que bem entendesse:

*“Deve-se comportar segundo as regras morais, respeitando os padrões culturais de sua sociedade”. (Informante-24 anos)*

*“Eu acho que um homem deve ser civilizado, seguir as normas impostas pela sociedade, onde está inserido, e respeitar todos os seus semelhantes”. (Informante-25 anos)*

*“Seguir as normas de conduta que a própria sociedade impõe”. (Informante-30 anos)*



*“Deve levar a vida da sua maneira sem ter medo de ser criticado pela sociedade”. (Informante-23 anos)*

Outros observam que o comportamento social masculino devia se orientar pela honestidade, justiça e solidariedade. Esses princípios garantiriam uma vida feliz e uma boa reputação social:

*“Não deve ser egoísta, vingativo, covarde. Deve ser humilde, compreensivo, respeitador, concentrado e amigo”. (Informante-24 anos)*

*“Deve manter sempre presente o sentido de justiça nas suas decisões e procurando unicamente fazer o bem”. (Informante-28 anos)*

*“Ele deve se comportar com o homem, ser honesto, é fundamental, além de ganhar uma boa reputação social”. (Informante-60 anos)*

*“... a solidariedade e a justiça social devem prevalecer sobre quaisquer outros interesses pessoais, daí que o homem deve pautar a sua conduta por esses princípios”. (Informante-23 anos)*

*“Deve procurar ser razoável, coerente e firme. A sua disciplina deve ser*

*dosada com a compreensão, além de, acima de tudo, ser íntegro". (Informante-38 anos)*

Alguns outros concordam que a boa convivência social está muito ligada ao respeito que o homem tem por ele mesmo e aos outros. Toda conduta social do homem seria baseada no princípio de respeito a si e aos outros como também aos costumes do meio social em que está inserido:

*"Deve ser respeitador, tem que ter cuidado na forma de reagir entre amigos e na forma de tomar posições em relação a um outro homem". (Informante-23 anos)*

*"Com uma certa lisura, respeito, educação, obedecendo as normas sociais e procurando desempenhar um papel de forma que o seu estatuto seja respeitado". (Informante-34 anos)*

*"Um homem, na sociedade, deve respeitar os padrões de conduta existentes e as normas estabelecidas não só pelas leis, como também pelos costumes". (Informante-58 anos)*

*"Como um homem honesto e justo que coloca a dignidade sobre todas as coisas e que sabe respeitar os outros". (Informante-33 anos)*

*“Na sociedade, o homem deve comportar-se de forma mais correta possível. Respeitar os princípios de cada um, exigindo que os seus também sejam respeitados”. (Informante-25 anos)*

*“Como um ser social que é, dele se espera receber respeito. É um ser sujeito à regras e à ordem, para o bom funcionamento da sociedade”. (Informante-26 anos)*

*“Respeitar as leis, principalmente as da constituição, respeita os outros, ter um trabalho que dignifique a sua existência, não se assumir como auto-suficiente, mas sim, como alguém que erra e quer fazer sempre o melhor”. (Informante-21 anos)*

Fazer-nos homens, como foi visto, é um processo doloroso. É uma contínua vigilância e o que se quer é não cair no âmbito do gênero feminino. “O homem devia ser seco, racional, autoritário, altivo, menos amoroso, mais duro...” (Costa, 1989: p. 237) Alguns dos casos abordados pela pesquisa, das duas gerações, concordam com a citação acima. O homem deve ser comedido ao se expressar e deve evitar sentimentalismos, algo tipicamente feminino:

*“Eu acho que um homem não deve se expor muito, nem exteriorizar o que sente. Isso não vai ajudá-lo a resolver os seus problemas, pois parecerá um fraco e será alvo de chocota”. (Informante-22 anos)*

*“Eu acho que ele não deve se exteriorizar. O homem deve ser forte perante diversidades da vida. O homem deve mostrar sabedoria e equidade no seu juízo”. (Informante-23 anos)*

*“É sobretudo necessário que o homem seja dotado de brandura e autodomínio. Todavia é necessário que o homem seja revestido de modéstia e bom-senso para saber quando, onde, com quem exteriorizar os seus sentimentos”. (Informante-38 anos)*

*“Um homem deve ser forte, saber superar os seus sentimentos para não se induzir em asneiras, como por exemplo, se suicidar”. (Informante-45 anos)*

Outros já não concordam com a citação acima e argumentam dizendo que o homem é antes de tudo um ser humano, possui sentimentos e sente. Por isso não deve evitá-los:

*“Um homem deve exteriorizar seus sentimentos porque assim exige a sua*



*natureza e se fizer o contrário poderá vir a pagar mais tarde com alguma doença”. (Informante-58 anos)*

*“Eu acho que deve tirar para fora o que sente, pois fazendo isso é que ele conseguirá ficar livre e em muitos casos ultrapassar as suas dificuldades”.  
(Informante-34 anos)*

*“Eu acredito que em certos casos ele deve, pois guardando por dentro tudo o que sente pode se complicar e trazer doenças muitas vezes graves. Expulsando para fora, pode até receber opiniões de outras pessoas que poderiam mudar a sua vida e superar as crises...” (Informante-35 anos)*

*“Eu, na minha modesta opinião, acho que o homem deve mostrar o que sente, desde que isso lhe traga benefícios”. (Informante-42 anos)*

*“Eu penso que deve exteriorizar os seus sentimentos, pois é um ser humano, ele deve expressar seus sentimentos de tristeza ou de alegria”. (Informante-24 anos)*

*“Acho que ele deve sempre mostrar o que sente. Claro. De que serve usar uma máscara? Para mostrar aos outros aquilo que não é ? Além disso,*

*exteriorizar sentimentos garante o equilíbrio emocional e evita distúrbios psicológicos”. (Informante-23 anos)*

*“Penso que o homem deve tirar para fora o que sente, e é até bom, tanto mais que se diz que < só não sente quem não é filho do boa gente >. Ora, o que se sente deve ser também exteriorizado (sem excessos) afim de ser igualmente compartilhado”. (Informante-23 anos)*

Uma outra parte das entrevistas colocaram que o homem deve selecionar o que deve mostrar de si aos outros. Assim, sentimentos como alegria e felicidade devem ser partilhados; mas deve guardar para si a tristeza, frustração, medo, etc., ou seja, tudo o que sentir de ruim:

*“Acho que deve o homem mostrar o que sente, pois posso estar bem hoje e amanhã não. Contudo, acho que chorar é um sinal de fraqueza”. (Informante-33 anos)*

*“Um homem deve exteriorizar os seus sentimentos, seja qual for, porque é uma forma de aliviar o seu espírito. Mas, atenção, nunca deve sentir-se derrotado. Dos fracos não reza a história”. (Informante-59 anos)*

*“Um homem deve exteriorizar os seus sentimentos positivos como a alegria, mas deve evitar exteriorizar os sentimentos negativos como a frustração e a tristeza, porque podem ser prejudiciais a si e aos outros”. (Informante-34 anos)*

Os entrevistados também se pronunciaram sobre o que seria de mais importante na vida deles. Para alguns, o mais importante na vida é a realização pessoal :

*“Sentir realizado na família, na sociedade e no trabalho e sentir-se útil”. (Informante-40 anos)*

*“É chegar ao fim da vida e não ter que olhar para trás e dar-se conta que nada fez e dizer < a minha vida foi inútil >”. (Informante-34 anos)*

*“Na minha opinião acho que o mais importante na vida é ser respeitado e ser um homem realizado”. (Informante-24 anos)*

Outros colocam que o que realmente importa na vida é ter a consciência limpa:

*“O mais importante, a meu ver, é estar bem com Deus, consigo mesmo e com a sua família”. (Informante-26 anos)*

*“O que mais importa na vida é o seu bem estar, a sua consciência limpa e a sua paz”. (Informante-25 anos)*

Aceitar a palavra de Deus e aceitar os desígnios da Igreja também foi colocado como algo dos mais importantes para a vida de um homem:

*“Eu acho que o mais importante na vida é aceitar os conselhos da Bíblia e os aplicar, e sobretudo procurar a orientação divina”. (Informante-38 anos)*

Outros observam que o mais importante é garantir a estabilidade financeira, família e ter boa saúde. O trabalho seria um dos meios que permitiria atingir tal grande realização:

*“Saúde, dinheiro e uma boa esposa”. (Informante-24 anos)*

*“Ter um bom trabalho, uma mulher e filhos, uma casa, e também ser bem visto pela sociedade”. (Informante-22 anos)*

*“Ter um bom trabalho, ter uma família bem constituída e ser feliz ao longo da vida”. (Informante-25 anos)*



*“Trabalho, pois com trabalho resolveria qualquer problema, até saúde, pois se estiveres doente e não tiveres dinheiro para comprar medicamentos fica difícil”. (Informante-23 anos)*

*“Saúde, trabalho, uma boa esposa e filhos. O que significa: saúde, trabalho e família”. (Informante-32 anos)*

Ser feliz, segundo alguns outros, é tudo o que realmente importa na vida:

*“Na minha opinião, o mais importante na vida é a felicidade”. (Informante-25 anos)*

*“A felicidade. Mas sempre com a consciência de que a felicidade não é um estado permanente, e que só existe momentos de felicidade, e que também não existe um padrão de felicidade, um pode ser feliz com uma casa de duas divisões e um outro com um diploma de mestrado, um automóvel de marca e uma casa de férias em Miami”. (Informante-28 anos)*

*“O mais importante na vida é ser feliz, no sentido de encontrar o amor da sua vida e realizar o seu sonho a nível profissional”. (Informante-35 anos)*

A família, o amor, a felicidade e trabalho foram colocados como o que realmente importa na vida do homem cabo-verdiano. No caso do arquipélago, como já vimos, família e amor não necessariamente se traduzem em casamento. Contudo as pessoas costumam se casar. A partir disso, a pesquisa quis saber dos entrevistados, o que busca o homem quando decide se unir a uma mulher e se casar com ela: Alguns afirmaram que procura a felicidade e essa felicidade seria baseada em amor, sexo, filhos, companheirismo, confiança e carinho:

*“Procurar formar sua família, ser feliz arranjar alguém para dividir sua vida. Buscar alguém para conversar e que cuide dele”. (Informante-22 anos)*

*“O homem procura alguém no qual pode confiar e amar profundamente, e espera ser amado, estimado, prezado pela mulher com quem se casou”. (Informante-26 anos)*

*“Afetividade, sexo e vida em comunhão, eis o que ele espera do casamento”. (Informante-27 anos)*

*“Ele procura no casamento uma confidente, uma companheira para partilhar de tudo o que tem, uma pessoa a quem se pretende dar de tudo e tudo dela receber, procura ainda a felicidade, o bem-estar e o equilíbrio na vida”. (Informante-35 anos)*

Essa felicidade também possui um caráter sagrado:

*“Quando um homem casa com uma mulher, ele procura responder a uma vocação divina. Ele procura a felicidade eterna”. (Informante-34 anos)*

*“Procura-se a felicidade, um amor inteiro e uma família feliz, um lar onde possa viver com as familiares”. (Informante-24 anos)*

*“Procura uma pessoa com quem compartilhar plenamente a sua vida futura. Excetua-se os casamentos por ilusões provocadas pelo delírio das paixões, ou motivados por golpes de baú etc.”. (Informante)*

Outros colocaram que, quando o homem casa, corre atrás de uma certa estabilidade e procura construir uma família:

*“Ele busca tranqüilidade, certeza no relacionamento, tendo como base a família”. (Informante-24 anos)*

*“Um homem quando casa com uma mulher, procura, em geral, completar-se ou seja, ter ao seu lado alguém de sexo diferente com quem pode dialogar e realizar-se, sobretudo, aos níveis físico e psicológico”. (Informante-58 anos)*

*“Procura uma companheira com a qual poderá construir uma família, afim de ficarem juntos nos bons e nos maus momentos, e apoiar um ao outro, aconteça o que acontecer, suportar todas as coisas e preservar-se em todas as coisas”.*  
(Informante-38 anos)

A virgindade também é colocada como algo que se procura no casamento:

*“Eu acho que o homem espera casar com uma mulher nova (virgem), mas as vezes a mulher não nova traz problema, pois o homem será alvo de chocota por parte dos outros”.* (Informante-60 anos)

É interessante notar que o mesmo discurso (última citação) não se faz presente na geração pós-independência, os com idade abaixo dos trinta anos, uma vez que, não se encontra uma opinião similar à citada acima, nessa faixa etária.

Os entrevistados também se pronunciaram sobre a impotência sexual masculina. À medida em que os homens passaram a atribuir a sua masculinidade ao sexo, o órgão sexual masculino ganhou proporções gigantescas. Mas daí surgiu um problema: mantê-lo ereto.

Como bem colocou um entrevistado, *“...um homem com problemas de ereção é um homem inválido, no meu caso desejaria morrer, é um nada...”* (Informante-35 anos)  
Outro afirma *“ele deve sentir-se frustrado e inseguro...”* (Informante-23 anos). Um terceiro diz que *“não é macho mas é um homem normal...”* (Informante-22 anos)



Isso, no dizer de Sócrates Nolasco, se dá porque “a representação social dos homens é construída a partir do sexo que se torna um dispositivo norteador para as suas ações e intenções durante a vida, sejam eles homo ou heterossexuais” (1995: p. 18)

Mas as posições apresentadas não são as únicas formas do cabo-verdiano encarar a impotência sexual. Outros a consideram uma situação normal, um problema de saúde como outro qualquer.

*“Acho normal. Questão de saúde. O problema pode ser solucionado com uma ida ao médico”. (Informante-33 anos)*

*“Um homem que tem uma doença e precisa de apoio médico e dos amigos...”  
(Informante-21 anos)*

*“Deve procurar um especialista na matéria que certamente lhe dará indicação sobre o seu caso, em relação a possibilidade ou não de tratamento. Aliás como em qualquer outro transtorno em relação a saúde”. (Informante-28 anos)*

Quando a pesquisa abordou os entrevistados sobre a questão dos homossexuais recolheu duas únicas posições. Temos uma parte que condena as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo e uma outra parte que não . Observa-se isso nas duas gerações pesquisadas.

O homossexualismo, segundo Jurandir Freire Costa, é um termo do século XIX e carrega consigo vários estigmas pejorativos. O homoerotismo, este é o termo que ele prefere adotar, traz a luz uma outra face da sexualidade masculina e vem contrariar uma outra forma cultural de ser homem:

“Quando se admite que um sujeito é um < homem > tal, sujeito por definição, já foi retirado da imediatez biológica e inscrito numa cultura que, para existir, tem de proteger-se da destruição”. (Costa, 1992 : p. 146)

O homoerotismo inova, pois traz ao público que o homem podia ser homem sem ser macho. Destitui o homem de qualidades obrigatórias como posse, poder, virilidade, agressividade, iniciativa e sexualidade incontrolada. Se as mulheres podem ser indivíduos sem serem mulheres, o homem precisa e deve ser homem:

“Para um homem, ter efeito fora das trilhas definidas socialmente para ele é sinal de que a heterossexualidade não vingou, o machão, o homem educado, o menino que não reage a brigas, enfim, hoje qualquer um destes tipos recebe um olhar esquisito, que põe em dúvida sua preferência sexual”. (Nolasco, 1999: p. 18)<sup>3</sup>

Os entrevistados que não condenam as pessoas que mantêm relações sexuais com outros do mesmo sexo, argumentam dizendo que cada um tem seu direito de escolha, cada qual sabe o que sente ou que se trata de pessoas que tiveram alguma desilusão na vida e encontram no outro igual, um meio de recomeçar a viver:

---

<sup>3</sup> In: A Desconstrução do Masculino

*“Numa sociedade livre, cada um tem o direito de escolher o que é bom e melhor para si. Os preconceitos não levam a lugar algum”. (Informante-37 anos)*

*“Eu acho que isso é normal, cada pessoa tem dever e o poder de escolher a pessoa de quem gosta, eu acho que não faz diferença se ele é do mesmo sexo ou do sexo oposto. Isso só o coração pode dizer, se ele ama tudo bem”. (Informante-24 anos)*

*“Acho que são pessoas diferentes, mas nunca devemos rejeitá-los da sociedade”. (Informante-23 anos)*

*“Penso que são pessoas que tiveram desilusões na vida e por fim encontraram entre eles um certo vínculo que conduziria ao início de uma relação”. (Informante-35 anos)*

*“Cada ser humano tem os seus desejos e prazeres. Se eles se sentem bem, só temos que aceitar”. (Informante-25 anos)*

Os que condenam, afirmaram que é feio, incorreto, pois o homem foi feito para a mulher e vice-versa. No dizer de alguns, são pessoas afetivamente imaturas. Se trata de

algo que fere os mais nobres sentimentos sociais e é condenado na Bíblia. Por outras palavras, o preconceito contra os homossexuais, sejam homens ou mulheres, é profundo.

*“Acho que é incorreto, pois mulher com mulher e homem com homem é uma relação que não devia acontecer”. (Informante-28 anos)*

*“Para mim é uma prática desnatural, negativa, suja e feia, que devia ser repudiada pela própria sociedade”. (Informante-26 anos)*

*“Eles lá tem os seus motivos e argumentos que eu ainda não entendo ou não me é fácil aceitar, Entre mulheres até é mais compreensível, tolerável.... mas entre homens...Caramba!!! Custa aceitar”. (Informante-23 anos)*

*“Vergonha! É uma vergonha! É contra a ética, mas o homem tem cada loucura”. (Informante-23 anos)*

*“Penso que isso é uma enfermidade que pode multiplicar-se dessa forma”. (Informante-25 anos)*

*“Incorreto e muito mau, Deus não deixou que assim seja, penso que são pessoas que não são úteis para a sociedade que desejamos”. (Informante-27 anos)*



*“É um mal que deve ser reprovado por todos, sem distinção, porque esse fato é contra as leis da natureza, que nesse aspecto colocou um ser masculino e um ser feminino para essas ações”. (Informante-24 anos)*

*“É um comportamento extremamente errado. Por isso as pessoas que possuem essas tendências deverão viver com cautelas para não provocar escândalos”. (Informante-40 anos)*

*“Para mim as pessoas do mesmo sexo que mantêm relações são normais como os outros, só que lhes falta a maturidade afetiva e coragem para encontrar no outro (homem ou mulher) que lhe é diferente, o que é para os heteros o amor ou uma doação que não só tem em vista o prazer sexual, mas também a procriação”.(Informante - 38)*

*“É ridículo. Penso que o homossexualismo hoje, está a alastrar-se pelo mundo (...) mas é absurdo...” (Informante-35 anos)*

*“É um ato que deve ser evitado, pois contrasta como os mais nobres sentimentos valores da maioria das sociedades. Aliás, tais práticas são proibidas pela Bíblia. Por outro lado, se não reprimirmos essas tendências erradas podemos nos acostumar a esse modo de vida”. (Informante-38 anos)*

## CONSIDERAÇÕES GERAIS

A pesquisa me permite aqui fazer algumas considerações gerais acerca do homem cabo-verdiano. Para o gênero masculino cabo-verdiano, a família é o palco da vida. Nela, ele adquire confiança para enfrentar a sociedade. É o meio onde ele é feliz e tudo gira sobre sua dependência. Ser pai é uma grande responsabilidade, quando não um grande problema, mas é o que o torna homem com H maiúsculo. É uma alegria sem igual e é aconselhável ter mais de um filho. Deve-se educar as crianças sem discriminação sexual, pois têm os mesmos direitos e deveres. Contudo, nunca é bom esquecer que são seres de sexo oposto. As meninas, por exemplo, devem ser alertadas sobre o perigo da gravidez precoce.

Constatamos que o homem cabo-verdiano é a pedra fundamental da família, é o provedor físico, emocional, material e espiritual, e trabalha juntamente com a mulher para a manutenção do lar.

A mulher é a dona de casa. Mesmo quando trabalha fora de casa, ela é a responsável pelas despesas e pela educação dos filhos. Ele deve ser fiel ao marido, carinhosa, compreensiva e submissa. É sua obrigação respeitar o marido, fazê-lo confiante e se respeitar. A mulher que possui amantes não tem direito a usufruir do estatuto de esposa, ela é mal vista pela sociedade, corre riscos de pegar doenças e de ter muitos filhos. Merece ser esposa, aquela que perdoa as falhas do homem, cuida dele e o ama.

Para os homens do universo da minha pesquisa, a mulher independente é vista,

ora como uma mulher da vida ora como uma mulher madura. Costuma ter mais de dois homens, está sempre ligada a festas e a bebedeiras, mas no fundo é uma pessoa solitária.

Se acontecer do marido trair sua esposa, ela deve manter seu equilíbrio, pois isso é normal, mas também pode largá-lo pois ele não a ama. O homem que possui várias amantes, deve também tomar cuidado com as DST, particularmente a AIDS. É considerado um comportamento normal, pois é permitido aos homens possuir várias mulheres. Se a mulher traí-lo, ele deve procurar o diálogo e evitar qualquer atitude violenta, embora certos casos justifiquem a violência. Em nome da família, ele deve ponderar muito sobre qualquer decisão, mas o comum é que ele a abandone.

Para o homem cabo-verdiano a mulher quando se une ao homem espera encontrar a felicidade que se traduz em filhos, carinho, respeito, lar digno e um futuro feliz, ela também deseja um esposo que saiba desempenhar suas funções, que seja responsável, amigo e bom de cama. O homem quando se casa também aspira encontrar a felicidade e procura se estabilizar na família.

A conduta social do homem cabo-verdiano, quando ele não se dispõe a viver do jeito que bem entender, deve seguir as normas e leis ditadas pela sociedade. Valores como justiça, respeito, solidariedade, honestidade garantem uma vida feliz e uma boa reputação social. O homem deve procurar mostrar o que sente, sem ser "sentimentalóide", pois isso não o ajuda a resolver problemas. Quando falam sobre a sua sexualidade, alguns cabo-verdianos reduzem a questão ao seu pênis. Se ele for impotente, é um inválido e é preferível a morte, mas há outros, contudo, que encaram a impotência como um problema de saúde que, como alguém afirmou, pode ser resolvida com uma visita ao médico.



O homoerotismo, termo emprestado de Jurandir Freire Costa (op. cit., 1992), é aceito por alguns que defendem a livre escolha do indivíduo, e é condenado por outros pelos quais é uma prática suja e contrária à Bíblia e à natureza.

Ao longo da pesquisa percebe-se que as falas das duas gerações acabam se tornando um mesmo discurso. Em apenas duas questões conseguimos atribuir uma fala a uma geração específica. Falando sobre a mulher que se deseja como esposa alguém, da faixa abaixo dos trinta anos, colocou que procura uma mulher moderna. O mesmo não se repete no discurso dos nascidos antes de 1975. A outra questão é quando se pergunta o que o homem espera quando casa. Um informante (58 anos), colocou que espera que a mulher seja virgem. Essa preocupação não está presente em nenhum momento no discurso da nova geração (pós 1975).

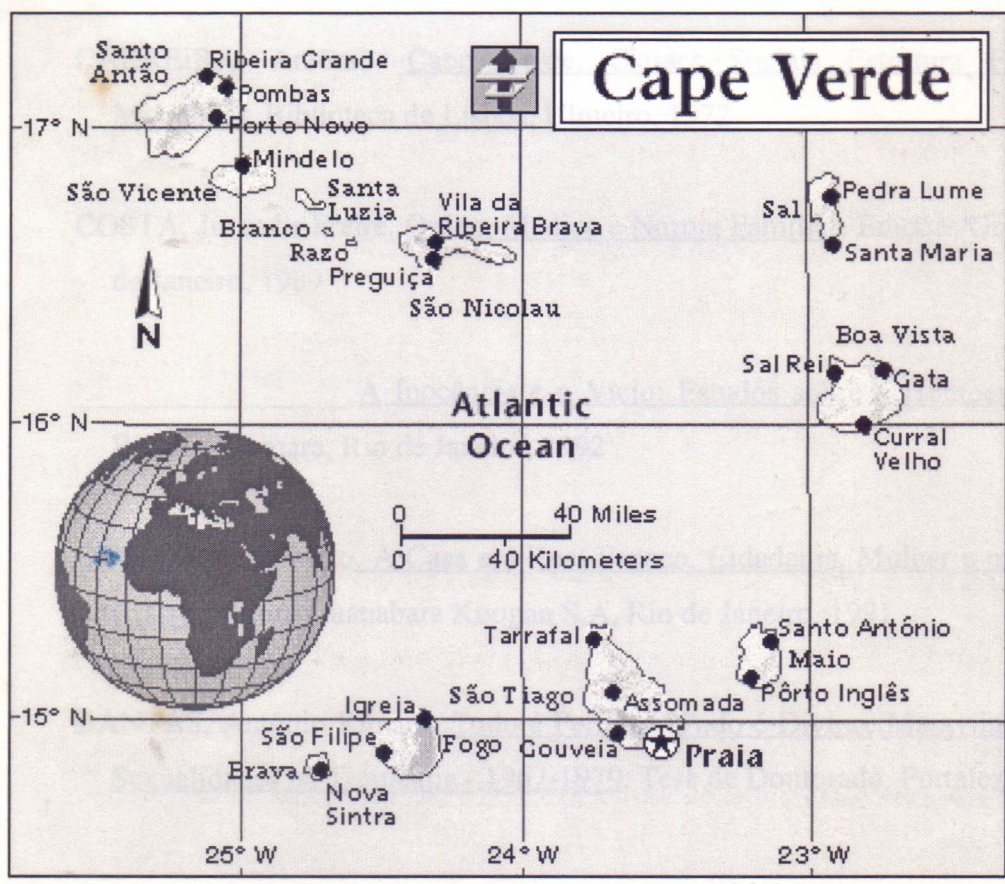
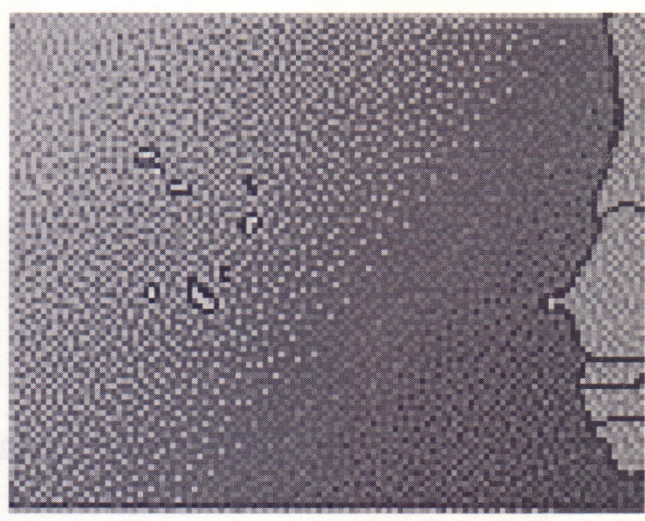
Quando se trata de infidelidade conjugal feminina, o discurso não é o mesmo que o do romance "Os Dois Irmãos". Em vez de se pressionar o homem a lavar sua honra com sangue, como no caso de André, aconselha-se o diálogo. É importante notar que a pesquisa foi realizada num meio urbano e por isso, os seus resultados não se estendem ao meio rural.

Penso que posso então dizer que, como em qualquer sociedade patriarcal, o homem cabo-verdiano está no centro do seu universo social, dele tudo se espera e tudo deve ser aceito, até mesmo o que é considerado incorreto.



1971

## **ANEXOS**





## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Germano. Os Dois Irmãos. Mindêlo, Ilhéu Editora, 1995
- ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1981
- BELTRÃO, Pedro Calderan. Sociologia da Família Contemporânea. Editora Vozes, ed. 2 Petrópolis, 1973
- CARREIRA, Antônio. Cabo Verde, Classes Sociais Estrutura Familiar, Migrações. Biblioteca de Lisboa, Ulmeiro, 1972
- COSTA, Jurandir Freire. Ordem Médica e Norma Familiar. Edições Graal, Rio de Janeiro, 1989
- \_\_\_\_\_ A Inocência e o Vício: Estudos sobre o Homoerotismo.  
Relume-Dumara, Rio de Janeiro, 1992
- DAMATTA, Roberto. A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e morte no Brasil. Editora Guanabara Koogan S.A, Rio de Janeiro, 1991
- DANTAS, Antônio Ribeiro. Tudo é Perigoso Tudo é Divino, Maravilhoso. As Sexualidades na Tropicália - 1967-1979. Tese de Doutorado, Fortaleza, 1999

A Desconstrução do Masculino. Org. Sócrates Nolasco. Rocco, Rio de Janeiro, 1999

ENGELS, Friedrich. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. Editora Bertrand Brasil. Ed. 12, 1991

GOODE, Willian J. A Família. Editora Nacional e Editora da USP, São Paulo, 1965

HAGUETTE, Tereza Maria & HAGUETTE, André. A Pesquisa Sociológica. Departamento de Ciências Sociais-UFC, Fortaleza, 1998

LOPES FILHO, João. Ilha de São Nicolau Cabo Verde. Formação da Sociedade e Mudança Cultural. Secretária-Geral Ministeria da Educação, II Volume.

RODRIGUES, Gilda de Castro. Serenata para Isabel. Mazza Edições, Belo Horizonte, 1996

ZELDIN, Theodore. Uma História Íntima da Humanidade. Record, 3ª Ed. Rio de Janeiro, 1997

REVISTAS:

Revista Fragata. Revista dos TACV. Cabo Verde Airlines, outubro, 1997

Revista Cabo Verde - Revista do Ministério da Cultura e dos Desportos, 1995